



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

Carnavalização e Linguagem: o futebol como dramatização da sociedade brasileira

Pedro Guilherme Orzari Bombonato

SÃO CARLOS  
2013



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CARNAVALIZAÇÃO E LINGUAGEM: O FUTEBOL COMO DRAMATIZAÇÃO DA  
SOCIEDADE BRASILEIRA

Pedro Guilherme Orzari Bombonato

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello  
Co-orientação: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe-UFSCar)

São Carlos - São Paulo - Brasil  
2013

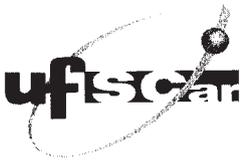
**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B695cL Bombonato, Pedro Guilherme Orzari.  
Carnavalização e linguagem : o futebol como  
dramatização da sociedade brasileira / Pedro Guilherme  
Orzari Bombonato. -- São Carlos : UFSCar, 2013.  
88 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2013.

1. Linguagem - filosofia. 2. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch,  
1895-1975. 3. Futebol. 4. Arte. 5. Ética. 6. Estética. I. Título.

CDD: 401 (20<sup>a</sup>)



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE  
PEDRO GUILHERME ORZARI BOMBONATO**

Prof. Dr. Valdemir Miotello  
Orientador e Presidente  
UFSCar/São Carlos

Prof.ª Dr.ª Luciane de Paula  
Membro titular  
UNESP/Assis

Prof.ª Dr.ª Vanice Maria Oliveira Sargentini  
Membro titular  
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 13/março/2013.  
Homologada na 55ª reunião da CPGL, realizada em 05/04/2013.

## Dedicatória

*À Kátia, amor para todas as horas.*

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, sempre presente ao longo da caminhada;

A meus pais, pela incondicionalidade de seu amor e seu apoio;

À Kátilla, pela presença na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, nos momentos de baixa autoestima quase ininterruptos;

A Valdemir Miotello, professor e mestre, que me ensinou muito da vida, além de me dizer que futebol é coisa séria;

Ao Kike, à Vanice e à Luciane, pela generosidade das contribuições na banca;

Ao Romulo, parceiro de discussões, por me levar ao Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe) em 2006;

Ao GEGe, pelo aprendizado de teoria e de vida, e pela co-orientação deste trabalho;

Ao Allan e ao Felipe, parceiros de angústias pós-graduandas;

A todos os amigos, que me deram e me dão força, mostrando-me que posso e devo confiar em mim mesmo.

## **Resumo**

Mais do que simplesmente o esporte mais praticado e admirado do Brasil, o futebol se constitui como um dos elementos culturais mais importantes da cultura de nosso país. E tal como qualquer manifestação da esfera da cultura, esse esporte imbrica uma quantidade infinita de relações sociais e linguísticas que o constituem ora como esporte altamente competitivo e atrativo (comercialmente), ora como espetáculo, metáfora e metonímia da sociedade. Nesse sentido, ele pode ser encarado como uma das principais formas de “dramatização” da sociedade brasileira, tal como considera o antropólogo Roberto DaMatta. Levando em conta as teorias de Mikhail Bakhtin acerca dos conceitos de carnavalização, jogo, estética e ética, objetiva-se neste trabalho a busca pelos pontos de intersecção entre futebol e arte, bem como a construção de uma compreensão desse esporte como forma de dramatização social. Para tanto, além das reflexões teóricas, levar-se-á em conta a análise de diversos tipos de textos que tematizem o futebol como foco principal. Dessa forma, intenta-se compreender melhor as relações culturais e linguísticas que constituem o futebol como parte fundamental do contexto cultural brasileiro.

**Palavras-chave:** Bakhtin – futebol – arte – ética – estética.

## **Abstract**

More than just the most practiced and admired sport in Brazil, soccer is constituted as one of the most important element of our country's culture. And as any manifestation of the culture sphere, this sport overlaps an infinite amount of social and linguistic relations that constitutes it sometimes as an attractive and highly competitive sport (commercially), sometimes as a spectacle, metaphor and metonymy of society. In this sense, it can be seen as a major form of "dramatization" of Brazilian society, as regards the anthropologist Roberto DaMatta. Taking into account the theories of Mikhail Bakhtin about the concepts of carnivalization, play, aesthetics and ethics, the objective of this work is to search for points of intersection between soccer and art such as building an understanding of the sport as a form of social drama. Therefore, beyond the theoretical, it will take into account the analysis of various types of texts that present this sport as the main focus. Thus, we intent to better understand the cultural and linguistic relations which constitute soccer as a fundamental part of the Brazilian cultural context.

**Keywords:** Bakhtin – soccer – art – ethics – aesthetics.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 - Carnavalização, dramatização e jogo.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 2 - A (in)funcionalidade da estética e a estética da (in)funcionalidade.....</b>	<b>30</b>
<b>Capítulo 3 - Catarse e carnavalização: o jogo de futebol como experiência estética.....</b>	<b>35</b>
3.1. O torcedor brasileiro: um espaço de irreverência.....	46
3.2. O jogo no domínio do sagrado.....	64
<b>Considerações finais.....</b>	<b>68</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>69</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>72</b>

## Introdução

Mais do que simplesmente o esporte mais praticado e admirado do Brasil, o futebol foi se constituindo ao longo do século XX como um dos elementos culturais mais importantes de nosso país. E tal como qualquer manifestação da esfera da cultura, esse esporte imbrica uma quantidade infinita de relações sociais e linguísticas que o constituem, ora como esporte altamente competitivo e atrativo comercialmente ora como espetáculo, metonímia da sociedade. Trazido por Charles Miller no final do século XIX<sup>1</sup>, esse esporte que, a princípio, era praticado pelas elites, logo tomou contornos populares, que deram a ele um jeito peculiar, marcado pela ginga que, ao longo do século XX, distanciou-o dos demais tipos de prática futebolística ao redor do mundo.

Levando em conta o protagonismo desse esporte perante o cenário cultural brasileiro, neste trabalho, pretende-se analisar o futebol na globalidade de elementos que o constituem como experiência estética (Bakhtin, 1998), para além de sua esfera ética e de seu status esportivo, ou seja, para além do simples conjunto determinado de regras responsáveis pelo andamento adequado de uma partida enquanto simples embate entre duas equipes.

Bakhtin, em *Questões de literatura e de estética* ([1975], 1998), ressalta o compromisso que as teorias têm de explicar “a visão estética fora da arte” (BAKHTIN, 1998, p. 26), ou seja, ressalta a necessidade de se estreitar o vínculo entre vida e arte através da análise das formas estéticas que ele chamou de confusas, instáveis e híbridas, dentre as quais podemos inserir o futebol:

Uma particularidade característica de todos esses fenômenos da visão estética é a ausência de material definido e organizado, e por conseguinte, também da técnica; na maioria dos casos a forma não está aqui nem objetivada nem fixada. Justamente por isso esses fenômenos de uma visão estética fora da arte não alcançam clareza de método, autonomia e singularidade plenas: eles são confusos, instáveis, híbridos. (Idem)

Nesse sentido, buscam-se aqui fatores que aproximem uma partida de futebol – visto como fenômeno estético híbrido (considerando-se a nomenclatura

---

<sup>1</sup> Embora a versão de que o futebol tenha sido trazido ao Brasil por Charles Miller no final do século XIX seja a mais famosa, há pesquisadores, tais como José Moraes dos Santos (2002) que indicam que esse esporte, mesmo que de maneira embrionária, já era praticada em escolas de jesuítas brasileiras.

proposta por Bakhtin no trecho supracitado) – de uma manifestação artística, a partir de aspectos como a relação espectador (torcedor)/espetáculo (jogo) e de conceitos como catarse (Aristóteles) e carnavalização (Bakhtin, 2008).

Essa perspectiva de trabalho vai ao encontro da metodologia proposta por Bakhtin, cuja maior contribuição para a filosofia foi a constituição de uma maneira dialógica de se pensar o mundo, a vida e a linguagem. Tudo é pensado e construído na relação, no embate entre o *objetivismo abstrato* e o *subjetivismo idealista*, entre a *ideologia oficial* e a *do cotidiano*, entre *ética* e *estética*, entre o *palácio* e a *praça pública*, entre *morte* e *vida* e, principalmente, entre *mim* e o *outro*. Mais do que encarar esses aspectos como simples dicotomias conceituais, e para além da dialética marxista (tese + antítese = síntese), Bakhtin confrontava-os com o intuito de postular sua teoria no entremeio, na faísca significativa produzida no choque entre dois ou mais elementos, teorias e/ou teóricos.

Nesse sentido, a metáfora do *jogo* [de futebol, neste caso] (e o jogo como metáfora) é uma das mais apropriadas quando se trata da episteme bakhtiniana. Para além da utilização da palavra *jogo* como sinônimo de *diálogo* e/ou *relação*, em sua obra, Bakhtin também faz menção ao jogo propriamente dito, ou seja, aos jogos de azar e às práticas esportivas. No livro sobre Rabelais – *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* –, publicado pela primeira vez em 1965, em que analisa o processo de carnavalização, Bakhtin ([1965], 2008) coloca os *jogos* (tanto os de azar, quanto os esportivos) ao lado das festas, como espaço de subversão do poder do Estado e da Igreja:

O jogo está estreitamente ligado ao tempo e ao futuro. Não é à toa que os instrumentos do jogo, cartas e dados, servem igualmente para predizer a sorte, isto é, para conhecer o futuro. Não é necessário estender-se sobre as velhas raízes genéticas das imagens de festas e de jogo: o importante não é o seu longínquo parentesco, mas o *sentido próximo* que essas imagens têm e que era percebido e compreendido na época de Rabelais. Os contemporâneos tinham uma consciência aguda do universalismo das imagens do jogo, da sua relação com o tempo e o futuro, o destino, o poder de Estado, o seu valor de concepção do mundo. Era assim que se interpretavam as figuras dos jogos de xadrez, as figuras e cores das cartas de baralho e também os dados. Os reis e rainhas das festas eram muitas vezes escolhidos num lance de dados, e o melhor lance era denominado *basilicus* ou real. Via-se nas imagens dos jogos uma espécie de fórmula concentrada e universalista da vida e do processo histórico; felicidade – infelicidade, ascensão – queda, aquisição – perda, coroamento – destronamento. (BAKHTIN, 2008, p. 204)

De acordo com Bakhtin, então, no contexto rabelaisiano, os jogos reproduziam, de maneira concentrada e universalista, alguns dos principais embates presentes na vida e no processo histórico da humanidade.

Dessa forma, do ponto de vista metodológico, a necessidade do *outro* é requisito indispensável para a teoria bakhtiniana; tal como em um jogo de futebol, em que um time se constitui apenas na relação com o(s) outro(s) time(s), assim também o *eu*, na linguagem e na vida, não existe sem o *outro*, que o afirma ao negá-lo. Portanto, em Bakhtin, tudo é colocado em *jogo*. *Jogo* pressupõe o *outro*, pressupõe *diálogo*.

Assim, analisar o *jogo* de futebol como linguagem, como *diálogo*, como metáfora e metonímia da sociedade, além de buscar as intersecções de sentido entre esse esporte e outras esferas, principalmente a artística, são os focos principais do presente trabalho. Focos esses que talvez estejam sintetizados em uma pergunta maior: o que o futebol mobiliza no Brasil e o que mobiliza o futebol?

## **Dos capítulos e do percurso traçado**

O capítulo da Discussão teórica e análise dos resultados está dividido em quatro partes. Na primeira, tecemos reflexões a respeito dos conceitos de *carnevalização* e *jogo* sob a ótica, principalmente, de Mikhail Bakhtin. Há ainda, nessa primeira parte, uma breve retomada histórica do futebol brasileiro a partir dos anos 50 do século passado. O objetivo dessa retomada é a discussão da construção da ideia do “futebol arte” no Brasil, assim como uma melhor elucidação do conceito de *dramatização*, mobilizado ao longo do trabalho.

No segundo capítulo, trazemos a concepção da infuncionalidade estética trazida por Augusto Ponzio, à luz da relação entre o “mundo da vida” e o “mundo da cultura” proposta por Bakhtin. Já na terceira parte, aprofundamos a ideia da *carnevalização* aproximando-a ao conceito aristotélico de *catarse*, além de propormos e discutirmos melhor a imbricação entre futebol e arte. Por fim, trazemos à tona outra imbricação discursiva possibilitada pelo futebol tomado enquanto signo: o jogo associado ao domínio do sagrado.

A metodologia da pesquisa pauta-se em leituras teóricas indispensáveis ao nosso trabalho, assim como na análise de enunciados retirados de textos relacionados ao futebol brasileiro.

Com relação às leituras, obras como *A cultura popular na Idade Média: O contexto de François Rabelais* (2008), *Estética da Criação Verbal* (2003) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006) e *Questões de Literatura e Estética* (1998), de Mikhail Bakhtin serão fundamentais à compreensão de conceitos como *carnavalização*, *enunciado*, *ideologia* e *estética*, respectivamente, necessários às discussões e análises desenvolvidas.

No que concerne à importância e à história do futebol na sociedade brasileira, o livro *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil* (2002), de José Moraes dos Santos Neto; os livros *Torcidas Organizadas de Futebol* (1996) e *No país do futebol* (2000) de Luiz Henrique de Toledo, além de *O futebol explica o Brasil* (2009), de Marcos Guterman, ajudaram-nos a compreender melhor esse fenômeno cultural.

Não podemos deixar de citar também alguns textos de caráter ensaístico, que de uma maneira menos “cientificizada”, contribuíram fundamentalmente para as discussões aqui propostas. São os casos de *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil* (2008), de José Miguel Wisnik, a obra *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*, de Hilário Franco Júnior (2007) e, por fim, Johan Huizinga, com seu *Homo Ludens*, obra publicada na década de 30.

Com relação à perspectiva teórica em nível de análise de corpus, pretende-se trabalhar com a concepção de enunciado trazida por Bakhtin (2003) no texto *Os gêneros do discurso* (In: *Estética da Criação Verbal*, Martins Fontes, 2003). O filósofo russo define enunciado como a *unidade real da comunicação verbal* (BAKHTIN, 2003, p. 287), considerando-o, dentro de uma perspectiva dialógica, elemento atualizável nas mais diversas esferas da atividade humana. Ao enunciado como *unidade da comunicação*, Bakhtin contrapõe aquelas estruturas que, segundo ele, fariam parte apenas do âmbito da *língua como sistema*: as palavras e orações (Idem). Nesse sentido, as palavras e orações, como *unidades da língua*, desconectadas de um contexto de comunicação, assim como o esquema estruturalista que coloca em jogo um locutor e um receptor/ouvinte, não dão conta de representar “o *todo* real da comunicação verbal” (Idem, p. 290), uma vez que esse esquema desconsidera a atitude *responsiva ativa* do “ouvinte”, que Bakhtin prefere chamar ao longo de sua obra de “outro”.

o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prehe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 2003, p. 290)

E é com base nessa concepção bakhtiniana de “enunciado vivo” como “elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 291), que voltamos nossas análises a enunciados extraídos de um corpus formado por imagens com manifestações de torcedores, notícias, crônicas e outros tipos de texto relacionados ao mundo do futebol. Com exceção da edição 1317 (abril de 2008) da Revista Placar e da edição 17 (março de 2011) da Revista ESPN, todos os textos mencionados foram extraídos da internet e estão devidamente referenciados ao longo do trabalho. Grande parte dos textos do corpus pode ser lida na íntegra, se não no corpo do trabalho, nos anexos ao final da dissertação.

É importante ressaltar também que não houve um recorte sistemático de corpus, pautado em uma metodologia quantitativa, baseada em um espaço de tempo delimitado. As análises, assim como as escolhas dos textos analisados, guiaram-se por um viés qualitativo no trato com o corpus, bem como pela pertinência frente aos objetivos. Ou seja, os “recortes do mundo” foram utilizados na medida do possível em nível de exemplificação e concretização das discussões teóricas construídas a partir dos pontos de vista defendidos ao longo da pesquisa. Isso ficará mais claro ao desenrolar da discussão dos resultados.

## Capítulo 1 - Carnavalização, dramatização e jogo

Bakhtin trabalha mais incisivamente com o termo *carnavalização* na obra *A cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* (2008), texto resultante de suas pesquisas de doutorado.

O ponto central desse livro bakhtiniano é a crítica à rigidez formalista de certos padrões teóricos nos estudos de literatura e linguagem. Para tanto, ele faz uma análise minuciosa da obra de François Rabelais (1483-1553) – escritor francês –, autor de *Gargântua* e *Pantagruel*, livros que causaram certo frisson na Idade Média, devido ao conteúdo considerado escandaloso e até herético para os padrões da época.

A partir da leitura de Rabelais, Bakhtin traça uma série de reflexões com relação à vida na Idade Média, sempre colocando em situação de embate a concepção dual do mundo; de um lado o poder dominante da Igreja e do Estado opressores, e, de outro, as manifestações populares, na *praça pública*, com suas festas *carnavalizadas* que rebaixavam reis e figuras santas, revitalizando, ao mesmo tempo, as crenças e a própria relação entre o povo e as classes dominantes (Igreja e Nobreza):

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro de sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. – possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível. (BAKHTIN, 2008, pp.3-4)

Podemos dizer, então, que *carnavalização*, em termos bakhtinianos, indica, em certa medida, algo de subversão, ou seja, um jogo que envolve uma crítica jocosa “à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal”, que passa a ser ilustrada pelo povo a partir de “ritos e cultos cômicos especiais”, com “bufões e tolos, gigantes anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias”, que causam um riso *carnavalizado*, que é ao mesmo tempo escrachado, subversivo e renovador.

Porém, ao longo do tempo surgiram críticas com relação à utilização do termo *carnavalização*, baseadas no argumento de que o termo usado por Bakhtin referia-se a algo bastante restrito, concernente a uma cultura e época bem

determinados e específicos; assim, qualquer utilização do termo poderia implicar banalização, ou até mesmo em análises anacrônicas – análises essas bastante contestadas por Bakhtin em suas críticas a estudos de outros teóricos sobre o próprio Rabelais.

No entanto, o próprio Bakhtin afirma no texto o caráter amplo dos termos *carnavalesco/carnavalização*, que compreendem uma gama enorme de manifestações culturais e populares:

Damos ao termo ‘carnavalesco’ uma acepção muito ampla. Enquanto fenômeno perfeitamente determinado, o carnaval sobreviveu até os nossos dias, enquanto que outros elementos das festas populares, a ele relacionados por seu caráter e estilo (assim como por sua gênese), desapareceram há muito tempo ou então degeneraram a ponto de serem irreconhecíveis. Conhece-se muito bem a história do carnaval, descrita muitas vezes no decorrer dos séculos. Recentemente, nos séculos XVIII e XIX, o carnaval conservava ainda alguns dos seus traços particulares de festa popular de forma nítida, embora empobrecida. O carnaval revela-nos o elemento mais antigo da festa popular, e pode-se afirmar sem risco de erro que é o fragmento mais conservado desse mundo tão imenso quanto rico. Isso autoriza-nos a utilizar o adjetivo ‘carnavalesco’ numa acepção ampliada, designando não apenas as formas do carnaval no sentido estrito e preciso do termo, mas ainda toda a vida rica e variada da festa popular no decurso dos séculos e durante a Renascença, através dos seus caracteres específicos representados pelo carnaval nos séculos seguintes, quando a maior parte das outras formas ou havia desaparecido, ou degenerado. (BAKHTIN, 2008, pp.189-190)

Nesse trecho, Bakhtin afirma a amplitude dos termos relacionados à *carnavalização*, justamente pelo caráter perene das manifestações carnavalescas ao longo dos séculos. Assim, esse processo denominado *carnavalização* não fica restrito apenas à Idade Média e a determinados grupos sociais. Ainda sobre esse caráter ‘imortal’ e de enfrentamento das manifestações carnavalescas, Bakhtin afirma:

O carnaval (repetimos, na sua acepção mais ampla) liberava a consciência do domínio da concepção oficial, permitia lançar um olhar novo sobre o mundo; um olhar destituído de medo, de piedade, perfeitamente crítico, mas ao mesmo tempo crítico e não nihilista, pois descobria o princípio material e generoso do mundo, o devir e a mudança, a força invencível e o triunfo eterno do novo, a imortabilidade do povo. (BAHTIN, 2008, p.239)

É óbvio que devemos levar em consideração que muitas vezes o que encontramos são resquícios e fragmentos que caracterizam processos de *carnavalização*, que nos remetem à época estudada por Bakhtin em sua obra. O

mais importante quando se trabalha com termos e concepções como essas – principalmente quando se trata de categorias engendradas pelo teórico russo – é que se deve levar em conta o caráter dialógico das palavras, encarando os termos de forma flexível, e não simplesmente sistematizada, como se trabalha em um viés mais estrutural. Assim, o comportamento carnavalizado de parte do público em uma partida de futebol, por exemplo, leva-nos a questionar se o próprio jogo pode ser encarado como um processo de carnalização mediante os “valores” estabelecidos na sociedade em que está inserido.

Como dito mais acima, em sua argumentação, Bakhtin vai construindo uma concepção própria acerca do *riso* tanto na Idade Média como no Renascimento, com o objetivo de mostrar como se davam as festas populares nas épocas supracitadas, assim como a importância dessas manifestações para a constituição de um ‘novo homem’ e de novos tempos nas relações sociais:

O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole na integridade acabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do riso na evolução histórica da cultura e da literatura. (BAKHTIN, 2008, p.105)

A partir desse trecho, podemos observar certas características do homem medieval, assim como sua relação com a sociedade e com o próprio divino. Segundo as reflexões bakhtinianas, o ser humano vivia em um incessante conflito na Idade Média, causado pela repressão da Igreja e do Estado, que regiam as relações sociais e religiosas.

Porém, em certos momentos, esse homem se libertava dessa rigidez por meio das festividades, nas quais se subvertia o poder do Estado e da Igreja, transformando-se aos poucos um modelo de mundo essencialmente vertical (BAKHTIN, 2008, p.352), com pouca (ou quase nenhuma) mobilidade social, em um mundo pautado por relações de poder dadas em uma certa horizontalidade. Pelo menos era o que se propunha nas festas populares, quando reis, santos, padres, e outras figuras ligadas ao poder eram parodiados de maneira *grotesca*, muitas vezes de forma sexualizada, com o intuito de se rebaixar o divino por meio de exuberâncias materiais e corporais. Assim nascia um mundo novo:

O carnaval celebra o aniquilamento do velho mundo e o nascimento do novo, do novo ano, da nova primavera, do novo reino. O velho mundo aniquilado é apresentado juntamente com o novo, representado com ele, como a parte agonizante do mundo bicorporal único. É por essa razão que as imagens de carnaval oferecem tantas coisas ao avesso, rostos invertidos, proporções violadas de propósito. Isso se manifesta sobretudo nas vestimentas das pessoas: homens fantasiados de mulheres e vice-versa, roupas vestidas do avesso, roupas do alto postas no lugar das de baixo, etc. (Idem, p. 360)

Se, para Bakhtin (2008), o riso se opõe à rigidez, para Huizinga (1980), é o jogo que faz esse papel de oposição na cultura, uma vez que ele é “diametralmente oposto à seriedade” (HUIZINGA, 1980, p. 8); embora, segundo o filósofo holandês, isso não negue a possibilidade de “se jogar sério”, de maneira competitiva. A partir disso, podemos nos perguntar: até que ponto o futebol é capaz de desempenhar essa função de “aniquilar o velho mundo” e de evitar “que o sério se fixe e se isole na integridade acabada da existência cotidiana” das relações sociais do povo brasileiro? Que resquícios *carnavalizantes/carnavalizados* ele traz?

Em sua análise das festas populares do contexto rabelaisiano, em que o homem medieval se libertava momentaneamente da *seriedade* do “mundo real” outorgada pelo Estado e pela Igreja, Bakhtin menciona os jogos como um desses espaços carnavalizados que, ao lado das manifestações festivas, libertavam o homem dos “trilhos da vida comum”:

Uma vida em miniatura desenvolvia-se nos jogos (traduzida na linguagem dos símbolos convencionais), de forma muito direta. Ao mesmo tempo, o jogo fazia o homem sair dos trilhos da vida comum, liberava-o das suas leis e regras, substituía às convenções correntes outras convenções mais densas, alegres e ligeiras. Isso vale não apenas para as cartas, dados e xadrez, mas igualmente para todos os outros jogos, inclusive os esportivos (boliche, pelota) e infantis. (BAKHTIN, 2008, p. 204)

Os jogos então podiam estar repletos de manifestações carnavalizadas, visto que eram uma forma encontrada pelos homens de extravasar, ou como prefere Bakhtin, “sair dos trilhos da vida comum”, cheia de regras e leis que os repreendiam. Essa repressão era destruída à medida que o homem jogava, passando a incluir-se, pelo menos por alguns instantes, em um mundo de regras totalmente diferentes daquelas da “vida real”. A partir dessas novas regras, o

homem medieval podia ser livre, e até mudar de classe social – algo que jamais poderia acontecer na “realidade”.

Bakhtin (2008) não falou específica e diretamente do futebol. Entretanto, essa citação vai ao encontro da proposta de nosso trabalho, ou seja, encarar o futebol como signo/linguagem que, tal como as festividades medievais, desenvolve uma espécie de “vida em miniatura”, que reflete a sociedade, mas também a refrata, uma vez que desenvolve “uma linguagem dos pés, do hemisfério corporal menos especificado e, em princípio, cego para os controles sutis e a precisão objetiva mais acurada, e reduzindo as mãos à intervenção de última instância, possível só ao goleiro” (WISNIK, 2008, p. 98-99). Destarte, o futebol “reverte o hábito corporal e instaura uma espécie de ‘mundo às avessas’ em que a posse da bola é muito mais frágil e transitória do que nos esportes manuais.” (Idem).

Wisnik (2008), no entanto, ao aproximar o futebol das manifestações artísticas, alerta para o fato de que não se pode considerar esse esporte como metáfora direta da sociedade, mas como índice interno do processo social. Nesse sentido, não se pode relegar o futebol ao âmbito das *superestruturas* sociais – no sentido marxista da expressão – uma vez que ele “não é um reflexo superestrutural da economia nem uma ideologia maniqueísta da dominação, mas um feixe de relações interdependentes com o universo político, econômico e jurídico no qual se inscreve.” (ELIAS, Norbert, *apud* BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 137). Assim, tal como as demais manifestações culturais, os esportes, como metonímia da sociedade, “estão em interação dinâmica com as diversas dimensões da realidade, influenciando e sendo influenciadas pelas mesmas.” (Idem). Essa visão é totalmente coerente com o que defendemos neste trabalho, ou seja, explorar o futebol, não apenas como “representação” da sociedade, mas também em seu caráter autônomo<sup>2</sup> como importante fator cultural de constituição da sociedade brasileira.

O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta dialoga em parte com essa concepção, ao criticar a visão marxista do futebol como “ópio do povo”, em um texto publicado no início da década de 80, sob o título *Esporte na Sociedade: Um Ensaio Sobre o Futebol Brasileiro*:

---

<sup>2</sup> Aqui retomamos a concepção de Huizinga (1980) quando este afirma que “o jogo possui uma realidade autônoma” (p. 6).

Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa. Suas relações não são de 'estratificação', como disse já Geertz (1973:46), mas relações expressivas, dramáticas, onde começo e fim se rebatem um no outro; onde as regras (...) transformam-se em atores. (DaMATTA, 1982, p. 23)

Porém, ao defender essas relações expressivas e dramáticas, assim como os atores que o compõem, como constituintes de um futebol que é jogo e drama, ele mesmo acaba caindo na tentação de considerar o esporte simplesmente como metáfora da vida:

No futebol (como na chamada 'vida real', os homens estão relacionados em times (e famílias), pretendem vencer e atuam com um certo estilo. Mas não podem controlar as ações da equipe adversária, nem sua habilidade ou as coincidências, os erros e os acertos que decorrem do próprio jogo. Mesmo quando uma equipe apela para meios mágicos de vitória, (o que é muito comum no futebol brasileiro, em todos os escalões), a vitória pode ser situada no plano do favorável, mas nunca da certeza. Ora, é precisamente essa interação complexa do time com o time adversário, do time com ele mesmo, das duas equipes com as regras que governam o espetáculo, e das equipes, regras e público com os controladores da partida (juízes e bandeirinhas), que cria o fascínio exercido pelo futebol enquanto um jogo e um drama. É sem dúvida essa complexidade que permite tomar o jogo de futebol como uma **metáfora da própria vida**. E assim, expressar o conflito básico existente na sociedade brasileira entre os homens e forças impessoais que se colocam no seu caminho. (Idem, p.31, grifo nosso)

Considerando que o conceito de "dramatização" alça o futebol para além de uma simples metáfora da sociedade, a seguir pretendemos elucidar esse conceito, através de exemplos respaldados por um pequeno histórico da participação da seleção brasileira em Copas do Mundo desde 1950.

Para iniciar essa tentativa de elucidação, cabe a reflexão trazida por Huizinga (1980) sobre o caráter ritualístico do *jogo*:

encontramos aqui [na civilização romana] um fenômeno singular, a saber, que numa época bem primitiva o impulso competitivo passou do protagonista para o espectador, o qual se limita a assistir às lutas de outros, designados para esse fim. Esta passagem está, sem dúvida, intimamente ligada ao caráter profundamente ritualístico dos próprios jogos romanos, dado que é precisamente no culto que essa substituição está em seu lugar próprio, pois nele os competidores são **considerados representantes dos espectadores**, ou seja, como se lutassem em nome destes (HUIZINGA, 1980, p. 83, grifo nosso)

No que concerne aos espectadores, ou mais especificamente para os âmbitos de nosso trabalho, *torcedores*<sup>3</sup>, essa representação não está apenas dentro dos gramados durante o tempo de jogo, à medida que os torcedores projetam suas angústias pessoais e sociais no campo e veem a possibilidade de superá-las – pelo menos durante alguns minutos – com a vitória e o sucesso de seu time; mas também fora dos estádios, já que os jogadores, pelo destaque que têm junto à mídia, assim como por seu apelo popular, podem agir como porta-vozes das reivindicações de um povo, tal como Sócrates, que às vésperas do fim do regime militar no Brasil exclamou, em prol da luta pelo advento das eleições diretas que, caso a emenda das “Diretas Já” fosse aprovada no Congresso, ele não iria jogar na Fiorentina, time italiano que havia feito uma proposta para contar com o jogador, ícone da chamada “Democracia Corinthiana”<sup>4</sup>, sistema de gestão clubística proposta pelo próprio Sócrates e por outros jogadores como Vladimir no início dos anos 80 do século passado. Como define Carlos Guterman (2009), “Nela [na “Democracia Corinthiana”], todos teriam direito a voto – jogadores, comissão técnica e dirigentes – para tomar as decisões relativas ao time, inclusive contratações.” (GUTERMAN, 2009, p. 206). Ainda de acordo com Guterman (2009), “o time entrava em campo com faixas alusivas à democracia, e a camisa passou a ser usada como outdoor nas campanhas pela abertura política.” (Idem)



---

<sup>3</sup> Mais adiante exploraremos com mais profundidade a figura do torcedor.

<sup>4</sup> O nome “Democracia Corinthiana” foi criado pelo publicitário Washington Olivetto, um dos diretores do Sport Club Corinthians à época. (GUTERMAN, 2009, p. 206)

**Figura 1. Faixa exibida pelos jogadores corintianos com os dizeres “Ganhar ou perder, sempre com democracia”.<sup>5</sup>**

Guterman (2009) vai além ao descrever o impacto causado pela “Democracia Corinthiana” ao afirmar que ela se constituiu como um dos processos que ajudaram a retomar a autoestima futebolística do brasileiro após dois fracassos seguidos em Copas do Mundo (em 1974, na Alemanha Ocidental, e em 1978, na Argentina), subsequentes ao tricampeonato conquistado no México em 1970:

Com a força dessa imagem, Sócrates e sua geração ajudaram a resgatar um pouco da autoestima perdida em duas Copas medíocres depois do tricampeonato, dando um sopro de esperança de que, afinal, o futebol brasileiro poderia voltar a seus dias de encantamento, longe das fórmulas matemáticas dos esquemas táticos e dos ferrolhos defensivos. Era uma espécie de negação da doutrina militar que contaminara a mentalidade dos dirigentes da seleção brasileira desde 1970, assim como, de resto, era uma negação da tecnocracia que levara o Brasil ao desastre da dívida externa impagável e da perversa distribuição de renda. (GUTERMAN, 2009, pp. 208-209)

Voltemos um pouco no tempo antes de analisarmos melhor a importância do futebol ao longo dos chamados “anos de chumbo”. Os “dias de encantamento” aos quais Guterman (2009) faz referência no texto remetem à década de 50, mais especificamente ao dia 28 de junho de 1958, quando, finalmente, duas copas após a dor do *Maracanazo*<sup>6</sup>, a seleção brasileira, que apresentava ao mundo Pelé, vencia a Suécia por 5 a 2, em pleno território adversário, e conquistava o primeiro de seus cinco títulos mundiais. Para além do massacre demonstrado pelo resultado em campo, essa vitória representava não só a vitória de um estilo de futebol mais “gingado” – pautado na qualidade individual de seus jogadores –, sobre um estilo “duro”, “quadrado” – baseado na força e na coletividade –, mas também o “nascimento” do “futebol arte” brasileiro e a redenção dos negros<sup>7</sup>, em cujos ombros pesava a culpa pela derrota em 1950: “Nascia ali [na final contra a Suécia] não somente o rei do futebol, mas a seleção que seria

<sup>5</sup> Disponível em < <http://sobrecorinthians.com.br/o-que-foi-a-democracia-corinthiana/>> Acesso em: 10 fev. 2013.

<sup>6</sup> *Maracanazo* é o nome atribuído à trágica derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950 em pleno Estádio Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã.

<sup>7</sup> Barbosa, Juvenal e Bigode, os três jogadores negros da equipe que disputou a fatídica final contra o Uruguai em 1950, foram por muito tempo “crucificados” pela derrota e culpados por supostas falhas ao longo do jogo.

sinônimo de arte no resto do mundo. E os negros, sobre cujos ombros restou a enorme responsabilidade pelo fracasso de 1950, estavam redimidos.” (GUTERMAN, 2009, p. 129).



**Figura 2. Pelé (esq.) aos prantos após a vitória na final de 58 contra a Suécia.<sup>8</sup>**

Para ilustrar essa redenção, Guterman (2009) traz o trecho de um texto de Nelson Rodrigues após a conquista brasileira:

O brasileiro mudou até fisicamente. Lembro-me de que, ao acabar o jogo Brasil x Suécia, eu vi uma crioulinha. Era a típica favelada. Mas o triunfo brasileiro a transfigurou. Ela andava pela calçada com um charme de Joana d’Arc. E, assim, os criouões plásticos, lustrosos, ornamentais pareciam fabulosos príncipes etíopes. Sim, depois de 1958, o brasileiro deixou de ser um vira-lata entre as nações. (RODRIGUES, N. *apud* GUTERMAN, 2009, p. 130)

Se para Huizinga (1980) o jogo possui uma função significativa, pois que nele “existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação” (p. 4), assim como uma seleção pode representar/dramatizar os anseios e a redenção de um povo, tal como exemplificado acima com a conquista da Copa de 58 e com a “Democracia Corintiana”, é possível também que ela sirva de propaganda a um determinado sistema de governo. A ditadura militar brasileira havia começado em 1964, mas em 1968 – dois anos antes da Copa do México – a repressão se intensifica com a instauração do AI-5, Ato Institucional assinado pelo então presidente Artur da Costa e Silva. Dentre as

<sup>8</sup> Disponível em <<http://imortaisdofutebol.com/2012/12/28/craque-imortal-pele/>> Acesso em: 11 fev. 2013.

principais mudanças, está o fato de o Poder Executivo passar a reunir também as funções do Legislativo, intensificando-se, dessa forma, a autonomia de decisões dos militares. Como vimos nas palavras de Guterman (2009, pp. 208-209), a doutrina militar acabaria contaminando a mentalidade dos dirigentes futebolísticos brasileiros. Isso fica claro às vésperas da Copa de 1970, no México, quando o então técnico da seleção João Saldanha foi afastado do comando técnico, por ser “acusado” de “comunista” pelo regime. Em seu lugar, assume Mário Jorge Lobo Zagallo, que participara da conquista de 58 como jogador, e antes de assumir o comando da seleção, costumava treinar a equipe do Botafogo na sede do exército no Rio de Janeiro. O jornalista Lúcio de Castro, um dos produtores do documentário “Memórias do Chumbo: o Futebol nos Tempos do Condor” (ESPN, 2012), resume, em um texto em seu blog a rotina de perseguições sofrida por “João Sem Medo”:

Nenhum personagem ligado ao esporte foi mais vigiado pela ditadura do que João Saldanha. Nem de perto. Depois de um longo mergulho nos arquivos da ditadura, é possível fazer tal afirmação com segurança. "Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor", de 18 a 21 de dezembro na ESPN Brasil vai mostrar como o João Sem Medo tinha cada passo vigiado. A saída do comando da seleção brasileira não mudou em nada a rotina dos órgãos de segurança da ditadura militar. Estar na cola do ex-treinador continuou sendo tarefa dos militares por muitos anos.

(...)

Por incrível que pareça, por uma das grandes contradições do regime militar (1964-1985), uma das únicas coisas que escapavam ao controle daquela ditadura era a existência de um homem como o João Sem Medo logo no comando da seleção brasileira. Um homem sem freios na língua, indomável, que não poderia ser enquadrado. O que poderia acontecer se João Saldanha fosse campeão do mundo em 1970? Qual seria seu pronunciamento no momento seguinte ao título, com sua voz multiplicada para o mundo inteiro? Poderia denunciar que naquele momento, em seu país, homens e mulheres eram dilacerados nas masmorras?

O regime não pagou para ver. Independentemente de seus erros e acertos no comando da seleção, a cochilada do regime ao deixar o homem filiado ao Partido Comunista e destemido no comando teria de ser resolvida antes da Copa. E foi. Não só isso. Depois dessa cochilada, a vigilância na seleção se intensifica tremendamente.<sup>9</sup>

A propaganda do regime atingiu seu ápice com a conquista do tricampeonato mundial, já que “o significado disso tudo transcendia, e muito, o campo esportivo” (GUTERMAN, 2009, p. 179). Demagogicamente, os jogadores foram premiados tanto pelo Governo Federal (cada jogador recebeu um cheque de

<sup>9</sup> In: CASTRO, L. de. "**Memórias do Chumbo**" - A implacável vigilância sobre João Saldanha. Disponível em <[http://m.espn.com.br/blg-col-noticiaip.php?id\\_bc=297405](http://m.espn.com.br/blg-col-noticiaip.php?id_bc=297405)> Acesso em: 11 fev. 2013.

25 mil cruzeiros das mãos do presidente Emílio Garrastazu Médici), como pela prefeitura de São Paulo (o prefeito Paulo Maluf presenteou os jogadores com um Fusca, “à custa dos cofres públicos” (idem, p. 180)).



Figura 3. Carlos Alberto Torres, o “Capitão do tri”, e Médici exibem juntos a taça Jules Rimet.<sup>10</sup>

O futebol utilizado como massa de manobra de uma determinada ideologia (*oficial*<sup>11</sup>, neste caso), vai ao encontro do que diz Huizinga (1980) a respeito da simbologia da vitória:

Toda vitória *representa*, isto é, realiza para o vencedor o triunfo dos poderes benéficos sobre os maléficos, e ao mesmo tempo a salvação do grupo que a obteve. A vitória não se limita a representar essa salvação, mas torna-a algo de efetivo. De onde se segue que o resultado benéfico tanto possa vir dos jogos de pura sorte como dos jogos cujo resultado é decidido pela força, a habilidade ou a esperteza. (HUIZINGA, 1980, p. 64)

No fim das contas, enquanto a maioria da população se deliciava com a conquista e a relacionava diretamente ao “momento próspero” vivido pelo país comandado pelos militares; artistas, jornalistas e qualquer pessoa considerada uma ameaça ao sistema sofriam nas mãos de torturadores, simbolizados pelo “delegado paulista Sérgio Paranhos Fleury, que protagonizou a criação do Esquadrão da

<sup>10</sup> Disponível em <<http://ocruzadomissionario.blogspot.com.br/2010/07/praca-e-nossa.html>> Acesso em: 11 fev. 2013.

<sup>11</sup> Bakhtin (2006) contrapõe a ideologia mais estável, hegemônica, oficial a um tipo de ideologia menos estável, do cotidiano, que constitui e é constituída pela oficial em um processo constante, como mostraremos mais adiante.

Morte, responsável por dezenas de execuções extrajudiciais.” (GUTERMAN, 2009, p. 158). Duas faces da mesma moeda: a seleção que “jogava em poesia” – nas palavras de Pasolini, como veremos adiante – e, segundo parte da imprensa, recuperava o “jeito brasileiro de jogar”, escondia intenções sombrias uma vez que era controlada pela ditadura<sup>12</sup>.

Contudo, no início dos anos 80, já às vésperas da abertura política, embalada pelo movimento das “Diretas Já”, “o time militarizado dos dez anos anteriores daria lugar a uma constelação cuja virtude maior era acreditar na capacidade dos brasileiros de fazer a diferença a partir de suas qualidades individuais, devidamente conjugadas” (Idem, p. 209). A seleção comandada por Telê Santana, que tinha Sócrates, Falcão, Zico e companhia, foi para a Copa da Espanha em 1982 levando a confiança do povo de que a conquista do tetra não escaparia. Porém, após uma campanha incontestável nos primeiros quatro jogos<sup>13</sup>, o Brasil cai diante da Itália de Paulo Rossi (que marcou os três gols da vitória italiana por 3 a 2) e vê sua jornada ser interrompida antes mesmo das semifinais do torneio. Em termos de expectativa do povo, talvez essa tenha sido a maior decepção da torcida brasileira depois, é claro, do Maracanazo. Essa derrota, seguida por um ano de 1983 marcado pelo roubo da taça Jules Rimet da sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e pela morte de Garrincha, simboliza, nas palavras de Guterman (2009), uma verdadeira crise de identidade no brasileiro, já que “havia dúvida sobre se o país estava pronto para completar sua transição rumo à democracia, ou se um regime autoritário ainda era necessário para conduzir a economia e superar a turbulência” (p. 214).

Na Copa de 86, no México, nova decepção para a seleção que ainda contava com Sócrates e Zico (que chegaram a atuar juntos no Flamengo no mesmo ano). O Brasil foi eliminado nos pênaltis, nas quartas de final diante da França de Michel Platini – curiosamente, Platini e Sócrates desperdiçaram suas cobranças. Novo baque para o “futebol arte”. De acordo com Guterman (2009), após a Copa de 1986, o Brasil “era um país à mercê de seus próprios fantasmas e rendido às evidências de que talvez a democracia e a beleza do futebol fossem concessões de

---

<sup>12</sup> Sobre essa questão, recomenda-se o filme brasileiro “O ano em que meus pais saíram de férias” (2006), dirigido por Cao Hamburger.

<sup>13</sup> Brasil 2 x 1 URSS; Brasil 4 x 1 Escócia; Brasil 4 x 0 Nova Zelândia e Brasil 3 x 1 Argentina.

sua própria imaginação. A Copa de 1990 seria a terrível prova disso” (p. 223). Em uma Copa considerada fraca tecnicamente pelos especialistas (RIBAS, 2010)<sup>14</sup>, a seleção comandada por Sebastião Lazaroni foi eliminada nas oitavas de final precocemente e pela Argentina, rival histórico no futebol.

Se na Copa de 1982 o “futebol arte” sofrera um duro golpe<sup>15</sup> devido à eliminação frente à Itália, na Copa de 1994, a conquista do tetra coroaria o chamado “futebol resultado”. Com Parreira – que à época chegou a dizer que “o gol é um detalhe” – e Zagallo – figura mítica que estivera presente nas três conquistas mundiais brasileiras até então – à frente da comissão técnica, a seleção chegou à Copa nos Estados Unidos desacreditada após uma fraca campanha nas eliminatórias. O time forte na defesa (tomara apenas três gols em sete jogos), simbolizado pelo estilo “raçudo” do capitão Dunga, e eficiente no ataque, com a inspiração de Bebeto e Romário, venceu a Copa jogando um futebol diferente daquele vendido ao mundo desde 1958: “Para uma equipe que sempre primou pelo poderio ofensivo, não deixava de soar estranho o fato de a defesa ser o ponto forte” (RIBAS, 2010, p. 335).

A dupla Parreira-Zagallo fracassaria na Copa da França em 1998, mas quatro anos depois, sob o comando de Luiz Felipe Scolari, a seleção brasileira conquistaria seu último título mundial. Assim como o time de 1994, o Brasil sofreu nas eliminatórias e também não chegou como favorito à Copa da Coreia e do Japão. Porém, com um setor defensivo consistente (tomou quatro gols em sete jogos) – mais uma semelhança com relação à seleção do tetra –, com três zagueiros (Lúcio, Roque Júnior e Edmílson), além de Gilberto Silva como primeiro volante, na proteção da zaga, e a eficiência de um ataque que tinha Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo<sup>16</sup>, o Brasil trouxe o pentacampeonato da Ásia.

---

<sup>14</sup> RIBAS, Lycio Vellozo. **O Mundo das Copas**: as curiosidades, os momentos históricos e os principais lances do maior espetáculo do esporte mundial. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

<sup>15</sup> Em recente entrevista à revista Placar, Zico chegou a dizer que a derrota em 1982 “pôs fim ao futebol ofensivo”. In: RODRIGUES, Rodolfo. **Zico sobre a Copa de 82**: “Derrota pôs fim ao futebol ofensivo”. Disponível em < <http://placar.abril.com.br/materia/zico-sobre-a-copa-de-82-derrota-pos-fim-ao-futebol-ofensivo>> Acesso em: 13 fev. 2013.

<sup>16</sup> Nesse ponto a seleção de Felipão era bem diferente da de Parreira. Enquanto essa marcou apenas 11 gols em sete jogos, aquela marcou 18 e teve o melhor ataque da competição.

Em 2006, Parreira estava de volta à seleção. Ao levar para a Copa da Alemanha o chamado “quadrado mágico”, que tinha Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Ronaldo e Adriano, o técnico do tetra acabou indo contra seus supostos “princípios defensivos”, pagando caro com a eliminação precoce nas oitavas de final diante da França. Antes da Copa, parte da imprensa esportiva “alertava” para o fato de o Brasil escalar, juntas, tantas estrelas no ataque:



Figura 4. Capa da Revista Placar de maio de 2006: “Eles não podem jogar juntos”.<sup>17</sup>

A alarmista manchete “Eles não podem jogar juntos”, associada ao subtítulo “Esse quadrado mágico é de fato empolgante. Mas adversários e especialistas acham que o Brasil pode quebrar a cara com ele”, mais do que uma previsão acertada pode ser interpretada como um sinal dos tempos, ou seja, tempos em que um futebol mais “solto”, sem preocupações estritas com o setor defensivo, não ganharia mais copas do mundo como outrora ganhou. A conquista do tetracampeonato pela seleção da Itália, reconhecida historicamente por seu jeito defensivo de jogar, além da eleição de Fabio Cannavaro, um zagueiro, como melhor jogador pela Fifa no final daquele ano, talvez fosse mais um sinal de que o futebol

<sup>17</sup> Disponível em < <http://colunistas.ig.com.br/abolanabota/2006/04/28/a-capa-da-placar/>> Acesso em: 13 fev. 2013.

ofensivo, frequentemente associado ao Brasil, não tinha mais espaço no cenário mundial.

Pode-se dizer que essa primazia da objetividade, cujo marco futebolístico talvez coincida com a derrota brasileira em 1982, tenha se intensificado com o que Toledo (2000) chama de terceira fase da profissionalização do futebol, que tem início no começo dos anos 1990, e é marcada pela forte influência do marketing e da indústria midiática em geral, que contribuem para o processo de espetacularização do esporte. No Brasil, o ex-atacante Ronaldo, hoje empresário, é sempre utilizado como metonímia dessa era.

Outra capa da Revista Placar, de abril de 2008, ilustra bem a reprodução dessa ideologia que prima pela objetividade em detrimento da “diversão e da arte”:



Figura 5. Capa da Revista Placar de abril de 2008: “Pão com circo”.<sup>18</sup>

Junto à manchete “Pão com circo”, que remete à política romana do “Pão e Circo”<sup>19</sup>, o subtítulo “Ainda tem drible, embaixada, diversão e arte. Mas o

<sup>18</sup> Capa escaneada de acervo próprio. Ver Anexo I para capa em melhor resolução e Anexo J para a reportagem principal da matéria na íntegra.

<sup>19</sup> Adotada pelo imperador Otávio Augusto entre 27 a.C e 14 d.C., consistia na utilização de espetáculos, que envolviam principalmente lutas entre gladiadores, como entretenimento do povo e tentativa de abrandamento dos ânimos da população, que supostamente se mantinha alienada com as apresentações, onde também recebia pão.

circo acabou. Para ganhar o pão de cada dia hoje, Denílson precisa de gols e objetividade” remete à principal matéria da revista, que fala sobre a nova fase de Denílson<sup>20</sup> no Palmeiras. Pelos times por que passou (São Paulo, Betis da Espanha e Seleção Brasileira), o ex-jogador ficara conhecido por se preocupar mais com seus “malabarismos com a bola” do que com o “futebol em si”. Em um trecho, a matéria chega a afirmar que “Denílson estava mais para um artista da bola que para um jogador de futebol” (PASSOS, 2008, p. 61). De acordo com esse enunciado, a objetividade do futebol se opõe à infuncionalidade<sup>21</sup> da arte.

Outra capa, agora da Revista ESPN do mês de março de 2011, traz o jogador Paulo Henrique Ganso, então jogador do Santos Futebol Clube<sup>22</sup>, com um pincel entre os dentes, junto à manchete “Futebol Arte” e ao subtítulo “A volta de Ganso, o artista da simplicidade: ‘Só dou caneta, chapéu e elástico quando precisa’”.



Figura 6. Capa da Revista ESPN de março de 2011: “Futebol Arte”.<sup>23</sup>

Nessa matéria, por mais que a aproximação do atleta com o mundo das artes não seja totalmente rechaçada, há uma ênfase na objetividade, enfatizada pela expressão “quando precisa” na fala de Ganso. Em outras palavras, os lapsos artísticos dos grandes craques, desde que não sejam “em direção ao gol”, não têm espaço no futebol altamente competitivo de hoje. A questão que surge, entretanto, é:

<sup>20</sup> Hoje Denílson trabalha como comentarista esportivo na TV Bandeirantes.

<sup>21</sup> Falaremos mais sobre essa questão da infuncionalidade em outro capítulo.

<sup>22</sup> Ganso está atualmente no São Paulo Futebol Clube.

<sup>23</sup> Capa escaneada de acervo próprio. Ver Anexo K para capa em melhor resolução e Anexo L para a reportagem principal da matéria na íntegra.

será que, ao contrário do que se defendeu ao longo dos tempos, principalmente a partir de 1958, em algum momento da história do futebol brasileiro, a “firula”, a falta de objetividade completa se sobrepôs ao resultado? A hipótese deste trabalho é de que não. Basta perceber que, quando se fala, por exemplo, da seleção de 82, há, muitas vezes, a utilização de uma conjunção adversativa ou concessiva que acaba ressaltando o resultado não atingido: “A seleção de 82 jogou bonito, **mas** não ganhou”, ou “**Embora** tenha jogado bonito, não ganhou”. E mesmo quando se discute se algum jogador da atualidade tenha superado Pelé como maior jogador de todos os tempos, o argumento que acaba prevalecendo, mais do que a “genialidade artística” do “Rei”, é o fato de ele ter marcado mais de 1000 gols – 1281, mais especificamente – e ter ganhado três Copas do Mundo em sua carreira, o que demonstra sua total objetividade em campo. Objetividade para além da arte entendida como infuncional. Para que essa questão da infuncionalidade fique mais clara dentro dos propósitos deste trabalho, dediquemos um capítulo a ela.

## Capítulo 2 - A (in)funcionalidade da estética e a estética da (in)funcionalidade

Em meados do mês de março de 2012, Augusto Ponzio<sup>24</sup>, Susan Petrilli<sup>25</sup> e Luciano Ponzio<sup>26</sup> ministraram na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e na UNESP-Araraquara, a disciplina/seminário “Tópicos de Linguagem: o Diálogo como Prática da Escuta”.

Dentre as inúmeras discussões suscitadas a respeito da filosofia bakhtiniana, a relação entre ética e estética mostrou-se como uma das questões mais relevantes ao longo das duas semanas de trabalhos. Dentro dessa discussão, uma palavra apareceu com mais destaque nas falas dos palestrantes: “infuncionalidade”. Em que medida a arte é “infuncional”? Como se dá (há afinal?) a relação entre o mundo da vida e o mundo da cultura?

Essas são algumas das perguntas que motivaram a escrita deste capítulo, embora seja importante deixar claro que o objetivo principal dele não é encontrar respostas definitivas para essas perguntas (até porque isso contrariaria a metodologia bakhtiniana/ponziana), mas sim, dar continuidade à discussão.

De acordo com A. Ponzio (Disciplina/Seminário “Tópicos de Linguagem: o Diálogo como Prática da Escuta” – TLDPE a partir de agora –, 2012), a singularidade na sociedade capitalista dá-se pelo potencial de trabalho; isto é: cada um vale pelo trabalho produtivo que exerce.

Em contrapartida a essa funcionalidade intermitente proposta pelo “ponto de vista dominante[, que] se impõe e reproduz a si mesmo” (PONZIO, 2008, p. 20), o pensador italiano defende que o homem é um animal que não se satisfaz por fazer apenas o que “deve fazer” funcionalmente. O homem se constitui também por sua infuncionalidade, por sua não habilidade: “Temos o direito à infuncionalidade” (TLDPE, 2012).

Bakhtin, por seu turno, aborda esta questão da “funcionalidade” na introdução do conceito de signo ideológico em *Marxismo em filosofia da linguagem* (2006), ou seja, “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado **fora de si mesmo**” (BAKHTIN, 2006, p. 31, grifo nosso) e, assim,

---

<sup>24</sup> Universidade de Bari-Itália.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Universidade de Lecce-Itália.

um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma **função**: desempenhar este ou aquele papel na produção. (...) Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética.” (Idem, pp. 31-32, grifo nosso)

Bakhtin (Volochínov, 2006), inclusive, destina um capítulo inteiro, denominado *Relação entre a Infra-estrutura e as Superestruturas*, no mesmo livro, com reflexões e caminhos para se pensar a relação entre o ideológico/sígnico (superestruturas) e a realidade concreta (infra-estrutura).

O problema da *relação recíproca* entre a infra-estrutura e as superestruturas (...) pode justamente ser esclarecido, em larga escala, pelo estudo do material verbal.

De fato, a essência deste problema, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber *como* a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação.” (BAKHTIN, 2007, p. 42)

Com estes dois parágrafos, Bakhtin nos mostra uma boa direção para pensarmos a relação entre as estruturas colocadas por Marx: através do *signo ideológico*. Para ele, todo signo é ideológico. “Sem signos não existe ideologia.” (BAKHTIN, 2006, p. 31). E complementa: “Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia.” (Idem). A partir do momento em que este objeto passa a ter um significado externo à sua própria natureza, temos então o signo ideológico, que não só reflete a realidade material, como também a refrata. Dentro desta arena de luta de classes (BAKHTIN, 2006) há uma diversidade de significações ideológicas, isto é, pela interação social, os signos mantêm-se vivos, trazendo com eles concepções de mundo diferentes, jogos de interesse antagônicos etc. Isso ajuda a compreender por que não se pode considerar as palavras (que são signos ideológicos por excelência, segundo a teoria bakhtiniana) como um simples reflexo, ou a representação pura da realidade material, mas sim como uma refração (ou refrações) desta realidade. Nesse sentido, alargando-se a compreensão, refuta-se a ideia da arte como *mimese* (na concepção aristotélica do termo). A metáfora do espelho quebrado, distorcido.

Desse modo, essa concepção endossa nossa visão do futebol como signo. Na mesma direção, o Círculo de Bakhtin considera que ao mesmo tempo em que existe uma *ideologia oficial* “relativamente estável” (MIOTELLO, 2007, p. 168) e que se empenha em propagar uma concepção monológica de mundo, de uma

perspectiva dominante – o Estado, através dos Aparelhos Ideológicos de Estado (no sentido althusseriano da expressão), por exemplo –, há por outro lado, uma *ideologia do cotidiano* “considerada como a que (...) é constituída nos encontros casuais e fortuitos, (...) na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida.” (Idem, p. 169). Cotidiano e oficial numa relação intensa, num jogo ideológico interminável e regido pelas relações sociais.

Destarte, o que é ideológico extravasa a funcionalidade produtiva e (por que não) monológica. Aqui se pode comparar – é claro que de maneira bastante simplificada – a linguagem humana e a linguagem dos animais. O que diferencia a primeira da segunda não é simplesmente a comunicação que elas permitem, nem somente a habilidade de expressão verbal do homem, mas a capacidade de se criarem novos universos, novas possibilidades através da literatura, do cinema, enfim, das artes em geral. Nesse sentido, a linguagem humana, por ser ideológica, possui um caráter subversivo diante da realidade concreta. E, para ter valor artístico, faz-se mister que a obra não tenha nenhum outro compromisso funcional, senão o estético:

A interação artística fixada em uma obra de arte, como dissemos, é absolutamente singular e não pode se reduzir a outros tipos de interação: ideológica, política, jurídica, moral, etc. Se a interação política cria as instituições e as formas de direito correspondentes, a interação estética organiza somente a obra de arte. Se negar esta tarefa, e se tratar de criar, ainda que momentaneamente, uma organização política ou alguma outra forma ideológica, ela deixa, por isso mesmo, de ser interação estética e perde sua singularidade.” (BAKHTIN, 2011, p. 154)

Em última análise, na linguagem animal (irracional), não há espaços para lapsos infuncionais não instintivos, que lhes permitam romper o fio de contato, mesmo que por um instante, com a realidade mais imediata da existência. Assim, tal como bem resumiu Huizinga (1980), “é a linguagem que lhe [ao homem] permite distinguir as coisas, defini-las e constatar-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito” (HUIZINGA, 1980, p. 7); e, estendendo a definição ao território do lúdico, em uma comparação pertinente a nosso trabalho, disserta que

(...) brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético ao lado do da natureza. (Idem)

Bakhtin explora melhor a questão da dualidade ética/estética em *Para uma filosofia do ato responsável*, escrito também em meados da década de 1920. Na tentativa de construção de uma *filosofia moral*, cujo objeto é “o mundo no qual o ato se orienta fundado na sua participação singular no existir”, fez-se necessária a “delimitação” (entre muitas aspas) entre o mundo ético, aquele que Bakhtin chama também de mundo da vida, e que é objeto da filosofia que ele propõe, e o mundo estético (das criações artísticas), que “não é senão um momento do existir-como-evento, faz precisamente parte dele através de uma consciência responsável – o ato de quem dele participa. A razão estética é um momento da razão prática.” (BAKHTIN, 2010, p. 66-67).

(...) dois mundos se confrontam, dois mundos absolutamente incomunicáveis e mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida (este é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla, vive e morre) (...) tudo o que é teórico ou estético deve ser determinado como momento do evento singular do existir. (Idem, p. 43)

No entanto, ao dissertar sobre a incomunicabilidade entre esses mundos, Bakhtin não nega a inter-relação entre eles, por mais paradoxo que isso possa parecer. No próprio *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin explica seu interesse metodológico pelo mundo da arte, que

(...) com sua concretude e impregnação de tons emotivo-volitivos é, de todos os mundos (no seu isolamento) culturais abstratos <?>, o mais próximo ao mundo unitário e único do ato. Isso nos ajudará precisamente a chegar perto da compreensão da construção arquitetônica do mundo real do evento. (Idem, p. 124)

Em *A palavra na vida e na poesia* (publicado em 1926), texto atribuído também a Volochínov, ele afirma que o gérmen do discurso artístico encontra-se no “discurso cotidiano comum, posto que já neste se encontram os fundamentos, as potencialidades de uma forma artística futura.” (Idem, p. 154). Nesse ínterim, a afirmação de Luciano Ponzio na disciplina/seminário TLDPE, de que “o artista é aquele que prevê o que o objeto guarda para o futuro”, vai ao encontro do que propõem Bakhtin/Voloshínov. Ainda dentro dessa concepção, Luciano afirma que a arte se inspira com a vida, e a vida, por sua vez, deve se renovar com a arte.

Em *Questões de literatura e de estética* (1998) – livro que teve sua primeira publicação em 1975, ano da morte de Bakhtin –, ainda, o filósofo russo, ao afirmar que “a atividade estética cria a sua própria realidade, na qual a realidade do conhecimento e do ato se apresenta positivamente admitida e transformada” (BAKHTIN, 1998, p. 33), reafirma a autonomia da estética (arte) diante da ética (vida), sem rebaixar a relevância daquela em relação a esta, nem negar a imbricação entre uma e outra. Ao defender uma espécie de “finalidade autônoma” do jogo, Huizinga (1980) é consoante a essa visão, “visto que [o jogo, e aqui podemos aproximá-lo à estética bakhtiniana] não pertence à vida ‘comum’, ele se situa fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos” exatamente por interromper esse mecanismo (HUIZINGA, 1980, pp. 11-12).

Por fim, o que se pode concluir ao término dessa reflexão é que a arte/estética (e o jogo de futebol enquanto contemplado) não “serve” para nada. E, capitalistamente, nem deve servir para ser arte. Em *Questões de literatura e estética* (1998), Bakhtin explora essa não serviência ao definir as *formas arquitetônicas* que constituem o homem estético:

As formas arquitetônicas são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica etc.; todas elas são aquisições, realizações, **não servem a nada**, mas se auto-satisfazem tranquilamente: são as formas da existência estética na sua singularidade. (BAKHTIN, 1998, p. 25, grifo nosso)

Em síntese, a pergunta “para que serve a arte?” (“servir” do ponto de vista do “trabalho produtivo” capitalista) – ou, em última análise, “por que você perde tempo com futebol?” –, apesar de sua impropriedade, deveria sempre ter como resposta: “para/por nada”, pois que sua infuncionalidade é indispensável na constituição de seu caráter subversivo/refratário diante da realidade concreta, do mundo da vida.

Mas, para além de discutir aquilo que se acostumou a chamar de “futebol arte”, interessa-nos discutir, por exemplo, em que medida o futebol se assemelha à arte? Será que essa aproximação, por si, explica o sucesso desse esporte no Brasil? De que maneira esse esporte, tomado como signo, reflete e refrata a sociedade brasileira?

### Capítulo 3 - Catarse e carnavalização: o jogo de futebol como experiência estética

De acordo com José Miguel Wisnik, no livro *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008), o futebol se assemelha a manifestações culturais e artísticas, tais como a ficção e a música, na medida em que se caracteriza como uma “instância capaz de catalisar a experiência coletiva e dar-lhe um foco”, concentrando “questões que envolvem o cerne recorrente das interpretações do Brasil, e que se manifestam, de múltiplos modos e perspectivas, no ensaísmo, na ficção, na música.” (WISNIK, 2008, p.175).

Não é raro, por exemplo, depararmos com termos provenientes do domínio das artes plásticas, cênicas ou musicais, quando falamos sobre futebol. De acordo com Huizinga (1980), isso se deve ao fato de haver no jogo (em geral, não apenas no futebol), “uma tendência para ser belo” (HUIZINGA, 1980, p. 13):

Talvez este fator estético seja idêntico àquele impulso de criar formas ordenadas que penetra o jogo em todos os seus aspectos. As palavras que empregamos para designar seus elementos pertencem quase todas à estética. São as mesmas palavras com as quais procuramos descrever os efeitos da beleza: tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. O jogo lança sobre nós um feitiço: é “fascinante”, “cativante”. Está cheio das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia. (Idem)<sup>27</sup>

Bons exemplos disso são: *elenco* (quando nos referimos ao grupo de jogadores de um time); *clássico* (quando falamos de uma partida entre grandes clubes, historicamente rivais); *pintura* (ao descrevermos um gol bonito); *palco* da partida (campo de jogo); *maestro* do time (geralmente o camisa 10, meio-campista que organiza a maioria das jogadas de ataque da equipe), entre muitos outros. Não é à toa, aliás, que se utiliza a expressão *jogada ensaiada*, em detrimento de *jogada treinada*, ou ainda *jogada planejada*, quando se quer referir-se a um lance (geralmente cobranças de falta) previamente arquitetado nos treinamentos. Para exemplificar a presença dessas palavras nos enunciados futebolísticos, selecionamos algumas manchetes de importantes veículos midiáticos brasileiros<sup>28</sup>:

<sup>27</sup> É importante ressaltar que o conceito de estética utilizado aqui não equivale totalmente àquele mobilizado por Bakhtin em sua teoria, uma vez que, para este último, o estético não corresponde necessariamente ao belo, tal como vimos anteriormente.

<sup>28</sup> Os textos integrais das notícias estão nos anexos deste trabalho.

*Elenco:*

“Flamengo confirma Adriano no **elenco** do time” – Globo.com<sup>29</sup>

“Valdivia é tido como líder no **elenco** mesmo poupado entre desfalques” – Terra Brasil<sup>30</sup>

*Clássico(s):*

“Segundo **clássico** pelo São Paulo empolga Ney Franco: 'A semana vai ser diferente'” – ESPN.com.br<sup>31</sup>

“Fora de cinco **clássicos**, Emerson vira trunfo para duelo com Tricolor” – Gazetaesportiva.net<sup>32</sup>

*Pintura:*

“Com **pintura** de Kim, Náutico bate o Santos e interrompe má sequência” – Gazetaesportiva.net<sup>33</sup>

“Artilheiro dos gols, Barcos busca nova **pintura** contra o Botafogo” – O Povo online<sup>34</sup>

*Palco:*

“Em baixa, Seleção busca recomeço em **palco** do primeiro título mundial” – Jornal do Brasil<sup>35</sup>

---

<sup>29</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/08/flamengo-confirma-adriano-no-elenco-do-time.html>> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>30</sup> Disponível em <<http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI6094612-EI2013,00-Valdivia+e+tido+como+lider+no+elenco+mesmo+poupado+entre+desfalques.html>> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>31</sup> Disponível em <[http://espn.estadao.com.br/noticia/276882\\_segundo-classico-pelo-sao-paulo-empolga-ney-franco-a-semana-vai-ser-diferente](http://espn.estadao.com.br/noticia/276882_segundo-classico-pelo-sao-paulo-empolga-ney-franco-a-semana-vai-ser-diferente)> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>32</sup> Disponível em <<http://www.gazetaesportiva.net/noticia/2012/08/corinthians/fora-de-cinco-classicos-emerson-vira-trunfo-para-duelo-com-tricolor.html>> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>33</sup> Disponível em <<http://www.gazetaesportiva.net/noticia/2012/08/santos/com-pintura-de-kim-nautico-bate-o-santos-e-interrompe-ma-sequencia.html>> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>34</sup> Disponível em <<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/minuto/2012/08/22/noticiaminutol,2417473/artilheiro-dos-golacos-barcos-busca-nova-pintura-contra-o-botafogo.shtml>> Acesso em: 22 ago. 2012.

“Para Henrique, **palco** do duelo com o Santos é 'indiferente'” – O Povo online<sup>36</sup>

*Maestro:*

“**Maestro** corintiano quer ver filho como novo ídolo da Fiel” – R7.com<sup>37</sup>

“**Maestro**’ retorna aos trabalhos no Atlético” – Paraná Online<sup>38</sup>

José Maurício Capinussú, em seu livro *A linguagem popular do futebol* (1988) acrescenta ainda as palavras “artista” e “espetáculo” dentre o universo de signos linguísticos utilizados tanto na esfera da arte quanto na futebolística. A obra de Capinussú traz ainda outras 432 palavras e expressões – não necessariamente advindas do âmbito da arte – usadas por comunicadores e jornalistas esportivos dentro do contexto do futebol, o que mostra a variedade de esferas discursivas mobilizadas por esse esporte no Brasil.

O contrário também é observado quando levamos em consideração o caminho inverso dessa via de mão dupla; ou seja, há palavras e expressões que tiveram origem no contexto do jogo, mas que são utilizadas no dia a dia, nas mais variadas situações. Frases como “na marca do pênalti” (quando se está muito perto de tomar uma decisão/atitude importante), “ficar/deixar pra escanteio” (quando se é abandonado ou se abandona alguém), “pisar na bola” (quando se faz algo de errado, ou quando se decepciona alguém), “pendurar as chuteiras” (sinônimo de aposentar-se), “tirar o time de campo” (quando se desiste de algo/alguém), “bater um bolão” (quando se é muito bom em algo, ou quando se quer dizer, de maneira informal/vulgar, que alguém tem boa aparência), “aconteceu aos 45 minutos do

---

<sup>35</sup> Disponível em <<http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2012/08/15/em-baixa-selecao-busca-recomeco-em-palco-do-primeiro-titulo-mundial/>> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>36</sup> Disponível em <<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/minuto/2012/08/16/noticiaminutol,2414596/para-henrique-palco-do-duelo-com-o-santos-e-indiferente.shtml>> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>37</sup> Disponível em <<http://esportes.r7.com/blogs/fernanda-factory/2012/08/12/maestro-corintiano-quer-ver-filho-como-novo-ídolo-da-fiel/>> Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>38</sup> Disponível em <<http://www.parana-online.com.br/editoria/esportes/news/622074/?noticia=MAESTRO+RETORNA+AOS+TRABALHOS+NO+ATLETICO>> Acesso em: 22 ago. 2012.

segundo tempo/nos acréscimos” (quando algo acontece no último instante, e já não havia mais esperanças), “vestir a camisa” (ato de quem desempenha algo com afinco e orgulho) etc.

Voltando à relação entre jogo e arte, ao afirmar que “toda poesia tem origem no jogo” (HUIZINGA, 1980, p. 143), Huizinga ressalta o caráter lúdico da poesia, que a aproxima do jogo. *Jogo* que, para ele, nada mais é do que

uma atividade que se processa dentro de certos limites temporais e espaciais, segundo uma determinada ordem e um dado número de regras livremente aceitas, e fora da esfera da necessidade ou da utilidade material. O ambiente em que ele se desenrola é de arrebatamento e entusiasmo, e torna-se sagrado ou festivo de acordo com a circunstância. A ação é acompanhada por um sentimento de exaltação e tensão, e seguida por um estado de alegria e de distensão. (HUIZINGA, 1980, p. 147)

E, na comparação com a poesia, “difícilmente se poderia negar que estas qualidades também são próprias da criação poética” (Idem). Mais à frente, o autor afirma que, exceto quando perde sua relação com a música, o gênero lírico permanece próximo à esfera lúdica, pois que se situa distante da lógica (Idem, p. 157).

Wisnik (2008) leva adiante a intersecção entre futebol e poesia ao citar o texto “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”<sup>39</sup>, publicado por Paolo Pasolini, em 1971, no jornal italiano *Il Giorno*. Nele, o ensaísta-cineasta italiano defende que o futebol pode ser encarado como uma linguagem, ou seja, pode ser tomado, analogamente, como discurso literário. A partir dessa perspectiva, haveria o futebol jogado “em *prosa*” e também o futebol jogado “em *poesia*”:

na prosa, a vocação linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de eventos *não lineares* imprevisíveis (criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita). (WISNIK, 2008, p. 13)

Influenciado pela então recente conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira comandada por Pelé, na Copa de 70, no México – em cuja final o Brasil derrotou a Itália por 4 a 1 –, Pasolini associou esse futebol jogado “em poesia” ao estilo brasileiro, cuja individualidade dos jogadores, com seus dribles e

---

<sup>39</sup> Em tradução livre: *O futebol é uma linguagem com seus poetas e prosadores*.

atitudes inesperadas, possibilita(va) uma gama imprevisível de eventos não lineares no decorrer das partidas. Em contrapartida, o futebol jogado “em prosa” era associado à maneira europeia de se praticar esse esporte, uma vez que se caracteriza(va) pela ênfase defensiva, assim como por uma certa busca pela linearidade, a partir de um conjunto de jogadas friamente calculadas.

Contudo, essa metáfora (assim como a afirmação de Huizinga de que o gênero lírico é o mais distante da lógica) não se sustenta completamente se pensarmos que o termo “poesia” na teoria literária não diz respeito apenas à essência dos textos escritos em verso; pelo contrário, pode-se encontrar poesia em textos em prosa, os quais, se pensarmos bem, não se limitam à extensão dos versos, que por sua vez podem ser escritos sob esquemas rígidos de metrificação e rima: basta citarmos a rigidez dos sonetos (poemas estruturados em 14 versos distribuídos em duas estrofes de quatro versos e duas de três versos cada).

Wisnik também cai numa espécie de “bairrismo” em sua enviesada “defesa” ao futebol como o “esporte dos esportes” ao dizer que, diferentemente de esportes como o vôlei e o basquete, em que não há brechas para momentos de improdutividade, uma vez que há uma necessidade constante de se atacar o adversário (inclusive com limite de tempo para se efetuar a jogada, como no caso do basquete), o futebol dá margem para uma alternância entre momentos produtivos e improdutivos ao longo de uma partida. Segundo Wisnik, esse é um dos fatores que possibilitam o universo de gêneros literários, que incluem a prosa e a poesia, na dimensão do jogo:

o futebol, por admitir abertamente o tempo produtivo e o improdutivo, as idas e as vindas, os avanços e os recuos de bola, as margens de variações dadas pelas próprias peripécias da longa viagem, às vezes abreviada, até o gol adversário, incluindo os acidentes do percurso e as margens excedentes do acaso, além da fragilidade maior do controle da bola pelos pés, abre-se num leque teatral de possibilidades narrativas que inclui todos os gêneros literários, da epopeia ao dramalhão, da tragédia à farsa, do protocolo ao lirismo. (WISNIK, 2008, p. 113-114)

No entanto, Wisnik se esquece de que, no basquete ou mesmo no vôlei, de um modo ou de outro sempre há espaço para a imponderabilidade, já que esta faz parte do terreno dos jogos em geral e não exclusivamente do futebol, como veremos à frente na discussão sobre o jogo tomado como ritual. Enfim, sempre há espaços para dribles e fintas (mesmo no basquete, no vôlei etc), e o fato de esses

esportes não terem ainda o devido apreço no Brasil, não os torna menos importantes em termos criação de tensão ou de “leque teatral de possibilidades narrativas”, uma vez que eles podem ter em outros países a importância que o futebol tem no Brasil. Basta pensarmos no Super Bowl, evento esportivo mais esperado pelos norte-americanos, que engloba a final do campeonato de futebol americano nos Estados Unidos e que é frequentemente citado como exemplo máximo da espetacularização do mundo dos esportes.

Hilário Franco Júnior (2007), em seu livro *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*, concorda que a metáfora proposta por Pasolini, a princípio, configure-se como um bom *insight*, mas que em última análise, configura uma aproximação reducionista:

A divisão prosa-poesia (no fundo reformulação da tradicional oposição entre futebol pragmático e futebol-arte) é um bom insight, porém não resolve a questão. De um lado, é algo reducionista, pois, além da prosa com cintilações poéticas, seria possível acrescentar o inverso, performances poéticas entrecortadas pela presença da prosa. No limite, toda partida de futebol é uma peça ao mesmo tempo em prosa e poesia. De outro lado, a fronteira entre prosa e poesia é oscilante, é definida de acordo com referenciais culturais do observador, como mostra o próprio Pasolini ao taxar o futebol de “estetizante” e não de “realista”. Ainda que se aceite determinada linha demarcatória, faltaria lembrar que no interior da prosa e da poesia há vários gêneros. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 384)

Em outras palavras, assim como na prosa pode-se encontrar elementos metafóricos e falta de rigidez do ponto de vista estrutural, nos poemas, há estruturas fixas (vide o soneto já citado), que os podem tornar mais ou menos fluídos com relação à prosa. Daí a crítica de Franco Júnior (2007). Nesse ínterim, o autor propõe uma aproximação do futebol também com o gênero dramático – o que se faz imprescindível para a compreensão dos objetivos de nosso trabalho. Para isso, sugere um retorno ao berço do teatro ocidental, em que se podem encontrar características facilmente observáveis na configuração do futebol atual:

Na origem o teatro, criação da Grécia antiga, era representado em espaço aberto próximo ao público, como nos atuais estádios de futebol. Os gregos que se dirigiam a seus anfiteatros já conheciam as grandes linhas do roteiro da peça, baseada em mitos que circulavam de diversas formas na sua cultura. Os torcedores atuais vão aos estádios ignorando o resultado final da partida, mas as características individuais e coletivas dos protagonistas a que vão assistir não lhes são desconhecidas, seja por observação direta anterior, seja por meio de informações e comentários da imprensa. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 384)

Huizinga (1980), em consonância com esse ponto de vista, defende que “só o drama, devido a seu caráter intrinsecamente funcional e devido ao fato de constituir uma ação, continua permanentemente ligado ao jogo.” (HUIZINGA, 1980, p. 159). Para o autor, não obstante o fato de os gregos não utilizarem a palavra “jogo” para se referirem ao drama ou ao teatro em si, “tanto a tragédia como a comédia tiveram origem no jogo” (Idem):

Desde o início, tanto a comédia como a tragédia se apresentam sob o signo da competição, a qual, conforme vimos, deve ser considerada um jogo, seja sob que circunstâncias for. Os dramaturgos gregos preparavam suas obras dentro de um espírito de competição, para serem apresentadas na festa de Dionísio. É certo que o concurso não é utilizado pelo Estado, mas este participa em sua direção. Havia sempre uma multidão de poetas de segunda e de terceira ordem competindo pelos prêmios. O público costumava estabelecer comparações, e as críticas eram extremamente severas. Em sua totalidade, o público compreendia todas as alusões e reagia plenamente às sutilezas de estilo e expressão, participando de toda a tensão do concurso do mesmo modo que uma multidão no jogo de futebol. (Idem, p. 160)

O palco grego, por volta do século V a.C., dividia-se em *proscenium* (proscênio) e *skene*. No proscênio, os atores, já transformados em seus personagens, encenavam as ações possíveis e necessárias (ARISTÓTELES, *Poética apud AZEVEDO*, 2001), acessíveis à visão do público. Já a *skene* era o lugar onde os atores poderiam “se despir de suas vestimentas mundanas e paramentar-se com roupas, máscaras e coturnos condizentes com a estatura das personagens que estavam por representar.” (AZEVEDO, 2001, p. 77). Ainda de acordo com essa autora, além dessa função pragmática da *skene*, havia também uma função simbólica, que será fundamental para nossa analogia com o estádio de futebol:

[a skene] abriga o ritual que marca a passagem do atual para o representacional, do mundano para o sagrado. Os atores entram na skene como cidadãos comuns e saem como deuses e figuras semidivinas. Nesse sentido, a skene pode ser vista como uma marca diacrítica que não apenas distingue, mas também faz a distinção entre realidade e ficção. (AZEVEDO, 2001, p. 77)

Huizinga (1980) diz ainda que “a atmosfera do drama era de êxtase dionisíaco e de arrebatamento ditirâmico” (p. 161). E acrescenta que o ator, por trás de sua máscara, separava-se do mundo vulgar, sentindo-se transformado numa

outra personalidade, que “era por ele mais propriamente encarnada do que simplesmente representada” (Idem).

Trazendo-se o modelo para o futebol, pode-se considerar que as quatro linhas que demarcam o gramado e tudo o que se dá a ver ao público ao redor do campo é o proscênio do espetáculo futebolístico. Já os vestiários e tudo o mais que compõe os bastidores do jogo de futebol fazem parte da skene da partida, ou seja, do espaço limítrofe que separa o jogador enquanto “pessoa comum”, do craque, elevado a figura semidivina dentro do espaço de jogo.

Nas arquibancadas e, por que não, em frente aos televisores ou rádios, encontra-se talvez a figura mais emblemática dessa obra dramática: o torcedor, contemplador do espetáculo.

Contemplador que, na teoria bakhtiniana, é fundamental na constituição da obra estética. Para Bakhtin (1997), a relação estética só é possível quando duas consciências não coincidentes estão envolvidas (BAKHTIN, 1997). Dentro dessa perspectiva, o *excedente de visão*, isto é, tudo o que se refere ao outro, mas que está fora do seu alcance visual, podendo ser informado apenas por mim na relação com ele, torna-se um ato propriamente estético, “que contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade.” (Idem, p. 45).

Nesse sentido, reiteramos, o contemplador/espectador é elemento indispensável na constituição do objeto estético. Essa questão fica clara à medida que Bakhtin distingue “representação” de “acontecimento artístico” ou “ação dramática”, ao citar o exemplo das crianças que brincam de “polícia e ladrão”:

A representação, é verdade, aproxima-se da arte, da ação dramática precisamente, mas é só com o aparecimento de um novo participante, exterior, não envolvido pela representação – o espectador, que começa a admirar a representação das crianças do ponto de vista do *todo* do acontecimento da representação, que é portanto seu contemplador dotado de uma atividade estética e é, parcialmente, seu criador (por tê-la transposto a um novo plano, estético, e convertido num todo estético signifiante) – não obstante, com isso o acontecimento inicial se transforma, enriquece-se de um elemento – do espectador-autor – o que acarreta a modificação de todos os outros elementos, na medida em que estes são integrados a um novo todo: as crianças que representavam são agora heróis, em outras palavras, estamos diante de um acontecimento que já não é representação e sim teatro embrionário, ou seja, um acontecimento artístico. (BAKHTIN, 1997, p. 91)

No futebol, a função do contemplador é exercida pelo torcedor que, tal como o espectador que transpõe as crianças ao patamar de heróis no exemplo dado por Bakhtin, transforma os jogadores em mitos e deuses, adquirindo papel fundamental na estética futebolística. Cada país em que o futebol tem um certo prestígio possui um exemplo máximo de jogador imortalizado por seus feitos nos gramados: Pelé no Brasil; Maradona na Argentina; Michel Platini na França; Franz Beckenbauer na Alemanha etc. Com relação a Pelé, de acordo com Franco Júnior (2007), “é significativo como se refere a si mesmo na terceira pessoa: o cidadão Edson Arantes do Nascimento fala no Pelé não somente como outra pessoa, mas como entidade” (FRANCO JÚNIOR, p. 260). Em entrevista a Geneton Moraes Neto, publicada em 30/06/2010 no portal G1 de notícias, Pelé falou sobre essa questão:

Talvez seja delírio de grandeza de um “Rei”, mas, por outro lado, é até uma modéstia do Edson. Porque um novo Pelé, que todo mundo procura desde 1958, não vai aparecer. Dona Celeste e Dondinho, meus pais, fecharam a fábrica. O novo Pelé não vai aparecer, então.  
Edson Arantes do Nascimento é o que sofre, é a pessoa. **Já Pelé é o mito que não vai morrer.** Vai ficar para sempre.  
Édson morre: é uma pessoa normal, alguém que chora, tem sentimentos e sofre pelas coisas erradas. É esta a diferença que sempre tento fazer. (MORAES NETO, 2010, s/p, grifo nosso)<sup>40</sup>

Já uma parte dos argentinos foi ainda além com Maradona. Inspirada pelas grandes jogadas do craque, mas principalmente pelo gol de mão marcado contra a Inglaterra na Copa de 1986 – ano em que a Argentina conquistou o bicampeonato –, através do lance que ficou conhecido como “La mano de Diós”, fundou a “Iglesia Maradoniana” em 1998 na cidade de Rosário.

---

<sup>40</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/platb/geneton/2010/06/30/confissoes-de-um-rei-em-nova-york-pele-diz-que-maradona-precisa-primeiro-provar-que-foi-o-melhor-da-argentina/>> Acesso em: 17 jan. 2013.



Figura 7. Cartaz de boas vindas da “Iglesia Maradoniana”.<sup>41</sup>

Tal como diz Martin Esslin (1976), citado por Bernardo Buarque de Hollanda no texto “Futebol, arte e política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor” (2009), que corrobora a visão de Bakhtin a respeito da importância do espectador na obra estética, “O autor e seus intérpretes são apenas metade do processo total: a outra metade é composta pela plateia e sua reação. Sem plateia não existe drama. Uma peça que não é encenada é apenas literatura.” (ESSLIN, 1976, p. 21 *apud* BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 126). No estádio, teatro do drama futebolístico, o público se caracteriza por sua não passividade diante do proscênio. Nas palavras poéticas de Eduardo Galeano em *Futebol ao sol e à sombra* (2009), o torcedor, como décimo segundo jogador da equipe, “sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.” (GALEANO, 2009, pp. 14-15).

Nesse sentido, recuperando a metáfora do teatro grego, talvez a analogia mais adequada para a torcida nos estádios seria com o *coro* da tragédia, que se constitui como “um outro tipo de personagem, que ocupa uma similar posição mediadora e ambivalente nas narrativas trágicas.” (AZEVEDO, 2001, p. 89). Tal como o coro da tragédia, que participa da narrativa, muitas vezes intervindo nas ações dos personagens, também os torcedores, para além de uma simples relação

<sup>41</sup> Disponível em <<http://ajordanah.primera-clase.com/wp-content/uploads/2007/10/maradoniana.png>>  
Acesso em: 17 jan. de 2013.

de assistência com relação ao espetáculo, participam do enredo do jogo, intervindo direta e indiretamente na atitude dos jogadores, árbitros e treinadores; personagens do drama futebolístico. Os gritos de “Olé!”, que conduzem e cadenciam uma troca de passes desconcertante do time que vence a partida; o grito desordenado ou em uníssono de “ladrão!” para o jogador pelo qual se está torcendo, que serve de alerta sobre um jogador adversário que, sorrateiro, almeja roubar-lhe a bola; os pedidos em coro pela entrada de um atleta querido que iniciou o jogo no banco de reservas; tudo isso faz parte da intervenção direta da torcida nas ações que ocorrem em campo. Franco Júnior<sup>42</sup> corrobora essa concepção da torcida como coro da tragédia ao dizer que

o coro (grupo que declama partes do enredo) “deve ser considerado como um dos atores, deve fazer parte do todo e da ação”, ele é parte integrante do espetáculo. Ao se traçar um paralelo com o futebol está-se falando, é claro, da torcida, que não é personagem atuante dentro da cena, está ao lado dela, mas cuja participação, embora de outro tipo, é indispensável para o espetáculo. (FRANCO JÚNIOR, 2007, pp. 386-387)

Aliás, as palavras “torcida” e “torcedor”, de acordo com Toledo (2000) e Buarque de Hollanda (2009), apareceram após os anos 30, pois que, até então, as imprensas carioca e paulista utilizavam o termo “assistência” para se referirem ao público do futebol:

Expressão inicial das primeiras décadas do futebol no Brasil, cunhada pela imprensa, a palavra *assistência* cederia lugar, com o advento do profissionalismo, a um outro termo genérico para a designação do público de esportes. De adjetivo ou substantivo próprio a um indivíduo simpatizante de um clube, *torcedor*, aquele que prefere torcer por um clube a simplesmente assistir ao jogo, originava-se em português o substantivo dado à totalidade de espectadores presentes em um estádio: *torcida*. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 134)

Para reforçar a importância da figura do espectador do jogo de futebol se faz indispensável neste momento um breve do histórico do torcer no Brasil.

---

<sup>42</sup> Dentro da análise do futebol como linguagem, o autor também utiliza a palavra “coro” como metáfora do entrosamento de uma determinada equipe dentro de campo: “O entrosamento de uma equipe pode ser comparado ao de um coro, também locutor coletivo, porque em ambos é fundamental que cada participante saiba exatamente os momentos e formas de intervenção para que a mensagem emitida seja eficiente.” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 359)

### 3.1. O torcedor brasileiro: um espaço de irreverência

De acordo com Santos Neto (2002), o futebol já era praticado no Brasil em um colégio jesuíta de Itu, interior de São Paulo, antes mesmo da volta de Charles Miller da Inglaterra, em 1894, com uma bola em baixo do braço e um livro de regras do futebol inglês. Regras essas, que já haviam sido fixadas no país europeu, trinta e um anos antes do retorno de Miller (TOLEDO, 2000). Antes disso, o que se viam no território brasileiro, eram práticas futebolísticas primitivas, utilizadas principalmente por padres jesuítas em seus colégios, com o objetivo de educar os alunos, ou manter um determinado tipo de comportamento esperado para a época.

A partir da última década do século XIX, então, o futebol foi rapidamente absorvido inicialmente pelas elites como prática amadora e forma de diversão. Ou seja, a elite praticava o futebol como um meio de se aproximar de uma "forma europeia de se divertir" e ao mesmo tempo afastar-se das práticas mais populares, como a capoeira, por exemplo (RIBEIRO, 2003). Porém, não tardou para que o futebol começasse a ser praticado pelas camadas mais populares, que deram a ele toda uma ginga específica e um jeito peculiar, conhecido do futebol brasileiro – o futebol jogado em “poesia”, tal como defendeu Pasolini.

Em São Paulo, pouco antes do final da primeira década do século XIX,

(...)dezenas de clubes que praticavam o futebol elitista e o pequeno futebol influenciaram a criação de centenas de agremiações. Em meados de 1910 e ao longo dos anos subseqüentes começariam a aparecer os grandes times que hoje dividem e repartem as preferências do futebol na cidade. (TOLEDO, 1996)

Surgiriam a partir daí, na cidade de São Paulo, três dos maiores times de futebol do Brasil – Corinthians (1910), Palmeiras (1914) e o São Paulo, que nasce oficialmente em 1935. Esses clubes dividiriam e repartiriam não só "as preferências do futebol na cidade" de São Paulo; mas seriam difundidos largamente por todo o Brasil, acumulando torcedores por todo o território.

Durante as décadas de 20 e 30, concomitantemente aos campeonatos que começavam a ser disputados entre as agremiações que se formavam (como ressaltado acima), havia uma grande propagação de campos de várzea, que se tornariam mais tarde grandes celeiros de craques consagrados do futebol brasileiro, onde o futebol era praticado de maneira mais "livre", não oficialmente. Também na

década de 30, aparecem as primeiras transmissões de jogos via rádio, instrumento importantíssimo na propagação do futebol.

Com a chegada da década de 40 do século passado, os torcedores que apreciavam os jogos (das ligas oficiais ou nos campos de várzea), começaram a se unir em grupos de incentivo e motivação aos times que neles inspiravam maior apreço. No Rio de Janeiro, a chamada Charanga Rubro-negra, “uma banda musical que animava os jogos do time [do Flamengo]”<sup>43</sup>, marca o início de uma primeira fase daquilo que viria a formar as torcidas uniformizadas conhecidas hoje. É a fase dos *torcedores-símbolo* que “representavam toda a torcida do time e tinham prestígio na imprensa”<sup>44</sup>.

No final dos anos 60, a fase posterior à dos *torcedores-símbolo*, caracteriza-se pela formação de torcidas organizadas de fato, diferentemente da época dos *torcedores-símbolo*, apresentando “cargos, presidência, conselho deliberativo, diretorias”<sup>45</sup>, etc. Para além do contexto futebolístico, esse tipo de torcida surge como uma forma de resistência ao regime ditatorial vigente no país naquele período. Segundo Toledo (1996), as torcidas organizadas, “juntamente com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação populares diante da ausência de partidos e representações legais”. (TOLEDO, 1996, p. 35)

O trecho abaixo indica com clareza as principais marcas diferenciais do segundo período das torcidas em relação ao primeiro:

Se, no período anterior, as torcidas eram personificadas naqueles *torcedores-símbolo*, agora são representadas por coletividades mais autônomas, impessoais e independentes de torcedores, que passam a se comportar de modo diverso daqueles. Estabelecendo outras formas de relacionamento entre elas próprias, com os dirigentes, imprensa, com o próprio futebol profissional. (TOLEDO, 1996, p. 28)

Há então, a partir deste período, uma transição na maneira de “torcer em grupo” com o intuito de apoiar o time mais diretamente. As novas organizações que surgem, marcam um tipo de união mais forte entre os torcedores, oficializando o

---

<sup>43</sup> Luiz H. de Toledo, 1996, p. 21

<sup>44</sup> Idem

<sup>45</sup> Idem, p. 27

modo de torcer por um clube através de uma instituição como qualquer outra, como dito anteriormente, com presidência, diretorias, etc. Os torcedores que aderem à torcida organizada passam, então, a vestirem não só a camisa do time por quem torcem, mas também a camisa da instituição (torcida organizada) de que fazem parte. Poderíamos falar aqui, portanto, de uma certa oficialização do torcer.

Dentre as torcidas organizadas mais conhecidas de São Paulo e Rio de Janeiro, podemos citar o Grêmio Gaviões da Fiel e a Camisa 12, torcedoras do Sport Club Corinthians; a Torcida Tricolor Independente, do São Paulo Futebol Clube; a Torcida Jovem do Santos Futebol Clube; a Mancha Verde, torcida da Sociedade Esportiva Palmeiras; Torcida Força Jovem e Ira Jovem, do Clube de Regatas Vasco da Gama; e Torcida Jovem e Raça rubro-negra, do Clube de Regatas do Flamengo. Essas torcidas – e as torcidas organizadas de modo geral – diferentemente daqueles *torcedores-símbolo* citados anteriormente, passam a ter mais influência nos aspectos políticos do clube e ao mesmo tempo, desenvolvem-se com uma ideologia mais consolidada. Diferentemente também daqueles torcedores da primeira fase das torcidas uniformizadas, os torcedores organizados não são unanimidade na mídia esportiva, ou seja, não inspiram mais aquele “prestígio” para com a imprensa que os *torcedores-símbolo* inspiravam. Isso porque estes, de certa forma, tinham uma conduta “exemplar” e não apresentavam perigo nenhum à sociedade, à “moral e aos bons costumes” e ao futebol propriamente dito, enquanto aqueles (torcedores organizados) são muitas vezes vistos como transgressores da ordem pública e, de certa forma, daquela ideologia oficial, mais estável, produzida e reproduzida pela mídia. Com relação às manifestações das torcidas, então, os enunciados da mídia constituem, relativamente, aqueles enunciados mais aceitos e oficializados do âmbito do futebol; contrastando com aqueles enunciados dos próprios torcedores vindos de meios mais informais, menos estáveis e que fazem parte de uma ideologia dita do cotidiano, como nos traz Bakhtin (2006) em *Marxismo e filosofia da linguagem*:

Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ideologia do cotidiano, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. (BAKHTIN, 2006, p.123)

Portanto, podem-se considerar os meios de comunicação mais importantes do país, ou seja, aqueles disseminadores de notícias (esportivas, no caso) como parte daquilo que Bakhtin chama no trecho acima de *sistemas ideológicos constituídos*, pois que detêm um discurso hegemônico com relação àqueles de torcedores (organizados, neste caso), que aqui podem ser associados, nessa relação com a “mídia oficial”, à vida cotidiana, à ideologia cotidiana que, como completa Bakhtin, cristaliza os sistemas ideológicos constituídos e, em retorno, é influenciada por eles. No entanto, é óbvio que esse embate entre ideologia oficial e ideologia do cotidiano só pode ser observado na relação. Assim, em relação aos torcedores não associados a agremiações, as torcidas organizadas exercem um papel “oficial” no que diz respeito ao ato de torcer.

A notícia abaixo, veiculada pelo site Globoesporte.com no dia 21 de janeiro de 2013, mostra de que maneira as torcidas organizadas constituem-se como vozes de resistência – frente aos preços abusivos de ingressos instituídos pela Federação Paulista de Futebol –, e o modo como grande parte da mídia esportiva espera que seja o comportamento desse tipo de organização de torcedores:

**Organizada corintiana faz protesto pacífico contra preço de ingressos**

Na sede da Federação, torcedores pedem valores menores para os bilhetes do Campeonato Paulista. Hoje, preço mínimo é de R\$ 40

Por GLOBOESPORTE.COM  
São Paulo

A Gaviões da Fiel, principal torcida organizada do Corinthians, demonstrou insatisfação com os valores dos ingressos cobrados no Campeonato Paulista logo após a primeira rodada da competição. Membros da entidade penduraram faixas na sede da Federação Paulista de Futebol (FPF), no bairro da Barra Funda, em São Paulo, durante a madrugada desta segunda-feira. Todas já haviam sido levadas ao estádio Jayme Cintra, em Jundiaí, onde o Timão empatou por 1 a 1 com o Paulista neste domingo. “Paulistão não é Copa do Mundo”, “R\$ 30, 40, 50... Até onde vamos?” e “Aumento de ingresso também é violência” foram as inscrições estampadas nas faixas pela torcida. O preço padronizado pela Federação para o Paulistão é de R\$ 40, no mínimo. Em nota veiculada no site oficial, a Gaviões lembra as más condições dos estádios e o tratamento dado aos torcedores, considerado indigno.



Figura 8. Faixa de protesto da torcida.<sup>46</sup>

O signo “pacífico” na manchete encadeia uma série de outros enunciados – ou “vozes”, para utilizar um termo bastante bakhtiniano –, tais como “Os protestos de torcidas organizadas são violentos” ou “Os protestos pacíficos de torcedores organizados representam exceções à regra”. Assim como dissemos anteriormente, esse tipo de torcida não costuma ser bem visto pela mídia em geral, e mesmo por torcedores não agremiados, uma vez que não apresenta “comportamentos adequados”. Por vezes, esse “comportamento adequado” é associado a parte das torcidas de clubes europeus – ingleses e espanhóis, por exemplo – que, diferentemente do que acontece na maioria dos estádios brasileiros, assiste aos jogos sentada (certamente em cadeiras com números que condizem com aqueles dos ingressos adquiridos).

Em resposta à alcunha de “violentos”, muitas vezes os torcedores manifestam-se via redes sociais ou sites como o “Organizadas Brasil”, cujo slogan é “Torcendo pela paz nos estádios” – embora em um dos distintivos de seu emblema haja um personagem musculoso e com uma feição pouco amigável – e um dos objetivos, reforçado na descrição da equipe responsável pela manutenção do site, “é gerar consciência de que as Organizadas não são redutos de bandidos e desocupados como diz muita gente inclusive a imprensa”<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/01/organizada-corintiana-faz-protesto-pacifico-contra-preco-de-ingressos.html>> Acesso em: 26 jan. 2013.

<sup>47</sup> Disponível em <<http://www.organizadasbrasil.com/equipe>> Acesso em: 26 jan. 2013.



Figura 9. Imagem apresentada na capa do site "Organizadas Brasil".<sup>48</sup>

No site, é possível encontrar depoimentos de torcedores indignados com a imagem atribuída a eles:

Sabemos que somos mal vistos, que somos vistos como marginais, bandidos e desocupados, só que muita gente não sabe o trabalho de uma organizada, não sabem de nossa realidade e assim como em todo meio onde há a convivência entre pessoas existem pessoas de má índole e desonestas, mais existem também aquelas pessoas que lutam pela sua sobrevivência e seu reconhecimento através de seu trabalho, talvez a população não saiba a realidade das organizadas (...) somos tratados como animais, então queremos poder mostrar nossos trabalhos nossa festa e sempre apoiar nosso clube em campo [sic](...).<sup>49</sup>

Trata-se então da tentativa de desconstituição de uma ideologia já consolidada – oficial – transmitida sobre os integrantes de torcidas organizadas. A queixa que se percebe com depoimentos de integrantes dessas torcidas é, como pudemos observar no depoimento acima, que as torcidas não são apenas um bando de "marginais, bandidos e desocupados" e que não são tratadas com respeito (mas "como animais") nos arredores e no interior dos estádios de futebol. Dizem que há muito mais do que violência a ser mostrado ("nossos trabalhos nossa festa", referindo-se, principalmente, aos desfiles de carnaval) quando se fala de torcidas organizadas. Defendem que são trabalhadores e estudantes e que "querem apenas se divertirem".

Porém, as torcidas vão aos estádios movidas por muito mais do que simples diversão. Essas pessoas, além de se constituírem como trabalhadores,

<sup>48</sup> Disponível em <<http://www.organizadasbrasil.com>> Acesso em: 26 jan. 2013.

<sup>49</sup> Disponível em <<http://www.organizadasbrasil.com/nareal.php>> Acesso em: 26 jan. 2013. O autor deste depoimento identifica-se como "André ( Dir. de Vendas ) G.R.T.O. INFERNO CORAL"

estudantes etc, constituem-se (e são constituídas) também como "torcedores do Palmeiras ou do Corinthians ou do Flamengo ou do Vasco". Mais do que diversão, algo de ideológico. Algo nestes indivíduos que os faz torcedores, que os faz verem-se e serem vistos como torcedores, que os faz morrerem e brigarem (infelizmente) pelos times aos quais destinam sua paixão. A ideologia faz com que "uma camiseta na qual se pinta um escudo de um time de futebol seja muito mais que uma camiseta" (MIOTELLO, 2007, p. 170); seja enfim, o que Bakhtin chama de signo ideológico, nas palavras dele: "tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo" (BAKHTIN, 2006, p. 31); assim como remetem as bandeiras, as camisetas, os símbolos, as cores dos times e das torcidas, e, em última análise, o futebol que, como signo, ultrapassa os limites puramente físicos do esporte, uma vez que pode significar mais do que simplesmente 22 homens/mulheres correndo atrás de uma única bola em um gramado.

As torcidas organizadas brasileiras fortalecem-se ideologicamente de tal maneira que, muitas vezes, acabam valorizando e sobrepondo o nome da própria torcida ao do time para o qual destina seu apoio. Não é raro ouvir dentro dos estádios de futebol, as torcidas organizadas gritando hinos que enaltecem seus próprios nomes em detrimento dos nomes dos clubes de futebol; tamanho o sentido ideológico que passam a ter as cores e símbolos da torcida para os seus seguidores e sócios. Isso ressalta a rivalidade entre torcidas e, por mais controverso que possa parecer, não apenas a rivalidade de torcidas de times historicamente rivais, mas também entre aquelas de um mesmo clube; ocorrendo também o contrário, ou seja, torcidas de clubes diferentes serem "aliadas".

Essa rivalidade exacerbada – tanto entre torcidas de times rivais quanto entre as de mesmo time – desencadeia a violência ocorrida dentro e fora dos estádios nos dias dos chamados "clássicos" ou de jogos importantes. Violência que merece uma reflexão profunda, que vai além dos objetivos deste trabalho. Mas no que diz respeito ao caráter subversivo das torcidas, será que podemos dizer que se trata de uma subversão *carnevalizada/carnevalizante* à luz do que propõe Bakhtin?

Como dissemos, as manifestações das torcidas muitas vezes caracterizam-se como contrapartidas aos enunciados mais aceitos e rígidos do âmbito futebolístico. A partir dessa consideração, trazemos ao trabalho, algumas formas de expressão que contrastam com as "normas padrões" da sociedade, tais

como a pichação – além da fixação de faixas, como mostrado no capítulo anterior –, que aparece em alguns exemplos<sup>50</sup> abaixo, vastamente utilizada pelos torcedores:



Figura 10



Figura 11



CT Rei Pelé, Santos

Figura 12



Figura 13



Figura 14

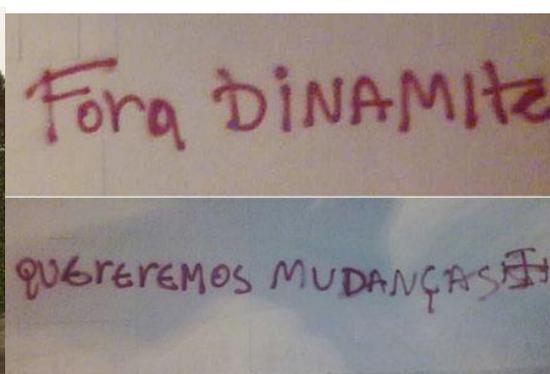


Figura 15

<sup>50</sup> Fontes das imagens: 3 – Site [www.band.com.br](http://www.band.com.br); 4 – Site oficial do São Paulo Futebol Clube ([www.spfc.net](http://www.spfc.net)); 5 – Site [www.uolesporte.blog.com.br](http://www.uolesporte.blog.com.br); 6 – Site [www.uolesporte.blog.com.br](http://www.uolesporte.blog.com.br); 7 – Site [www.esporte.ig.com.br](http://www.esporte.ig.com.br); 8 – Site [www.lancenet.com.br](http://www.lancenet.com.br).

Nas imagens, o protesto ultrapassa o lugar da ordem possível. No que concerne ao lugar de circulação, subvertem-se os padrões normativos de comportamento. Onde não seria passível de se escrever, é justamente lá que os torcedores escrevem, e a pichação torna-se o lugar da voz manifestada. Cria-se um território próprio. Os muros tornam-se a voz da ideologia do cotidiano, que cobra posturas de mudanças nos times, e bate de frente com o discurso oficial dos clubes, e da própria mídia. O vocabulário é por vezes direto (*raça, fora, retranqueiro*) e às vezes ácido ou cômico, como na paródia com o nome do então presidente do Sport Club Corinthians Paulista, Andrés Sanchez, que se torna *Andres Desmanchez* – numa alusão à venda de jogadores – ou a interjeição resignada em *o jeito é mudar de time*.

Além da pichação, outra forma de expressão das torcidas, considerada subversiva pelos grupos da sociedade que defendem uma certa “moral dos bons costumes” é a utilização de palavrões e xingamentos nos cantos e protestos, dentro e fora dos estádios de futebol. Para iniciar esta reflexão, lançamos mão de alguns exemplos de cantos e manifestações de grupos torcedores, carregados de palavrões, citados no livro *Torcidas Organizadas de Futebol* (1996), de Luiz Henrique de Toledo:

“Corinthians campeão  
Pau no cu do meu patrão” (TOLEDO, 1996, p. 62)

“Au, au, au, au, au, au  
pega o porco (ou peixe, Vasco, mengo etc.)  
E enfia o pau” (Idem)

“Ô, ô, ô, ô,  
Todo viado que eu conheço  
É Tricolor (São Paulo, Fluminense)” (Idem)

“Doutor eu não me engano meu coração é corintiano (marcha de N. Ferreira, R. Amaral e G. Júnior/1969)  
Doutor eu não me engano filha da puta é corintiano! (adaptação provocativa da marcha anterior)” (Idem)

“E o São Paulo (ou Corinthians, Portuguesa, Santos etc) se fudeu,  
 E o São Paulo ou ...se fudeu,  
 E o São Paulo ou ...se fudeu,  
 E quem fudeu ele fui eu!” (Idem, p.63)

“É, é, é,  
 Pau na bunda do gambé (polícia militar)” (Idem, p.63)

Esses são só alguns exemplos dentre uma série de outros que o autor cita em seu texto, e que têm não só conteúdos de “baixo calão”, mas também palavras de incentivo ao time e de afirmação da própria torcida.

Como podemos perceber nos trechos citados, há uma recorrência de palavras que remetem ao “baixo material e corporal”, como diria Bakhtin (2008), e também a práticas sexuais. As palavras são direcionadas não só à torcida e ao time adversário, mas também a figuras que não têm uma relação direta com o jogo em si, como policiais e patrões, que representam níveis superiores na hierarquização da sociedade e, que através dos cantos dos torcedores, são rebaixados em protestos e citados em cantos de alegria. Nesta direção, vejamos o que Toledo (1996) afirma sobre esse tipo de manifestação discursiva dos torcedores:

Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e *gritos de guerra* traduzem uma série de visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos travados de torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em músicas e versos, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes. E como bem nos lembra Mikhail Bakhtin, estes palavrões conservam ainda ecos extremamente longínquos de sua acepção antiga com valores e concepções de mundo que, mesmo fragmentados, trazem vestígios de familiaridade com a praça pública e os festejos nela celebrados. (TOLEDO, 1996, p.65)

Como ressalta o autor (Toledo, 1996), citando Bakhtin inclusive, nos cantos das torcidas, podemos encontrar “valores e concepções de mundo”, “visões do outro expressas nesses padrões de comportamento verbal”, que trazem, em

fragmentos, vestígios das manifestações das praças públicas medievais. Nas palavras do próprio Bakhtin (2008):

Fenômenos tais como as grosserias, os juramentos e as obscenidades são os elementos não oficiais da linguagem. Eles são, e assim eram considerados, uma violação flagrante das regras normais da linguagem, como uma deliberada recusa de curvar-se às convenções verbais: etiqueta, cortesia, piedade, consideração, respeito da hierarquia, etc. Se os elementos desse gênero existem em quantidade suficiente e sob uma forma deliberada, exercem uma influência poderosa sobre todo o contexto, sobre toda a linguagem: transpõem-na para um plano diferente, fazem-na escapar a todas as convenções verbais. E essa linguagem, liberta dos entraves das regras, da hierarquia e das interdições da língua comum transforma-se numa língua especial, uma espécie de jargão. Em consequência, ela propicia a formação de um grupo especial de pessoas iniciadas nesse comércio familiar, um grupo franco e livre na sua expressão. Era assim de fato *a multidão da praça pública*, em especial nos dias de festa, de feira, de carnaval. (BAKHTIN, 2008, p. 162)

Assim como o povo nas praças públicas da Idade Média, os torcedores – contempladores e ao mesmo tempo coro do espetáculo, – manifestam-se a partir de elementos “não oficiais de linguagem”, que acabam se tornando jargões. Essa língua não oficial está sempre em conflito com as convenções verbais e a rigidez das normas cultas que regem a sociedade.

Nos momentos de festas – ou de jogos – essa linguagem subvertida(siva) está “liberta dos entraves das regras, da hierarquia e das interdições da língua comum”; *carnavalizando* certos padrões sociais, pelo menos por alguns espaços de tempo determinados.

No entanto, é importante ressaltar, que as forças contrárias às formas carnavalizadas, ou seja, aquelas responsáveis pela tentativa de se “monologizar” o mundo, estão sempre atacando (e contra-atacando). Um exemplo recente disso é a lei sancionada em 2010, que modifica o Estatuto do Torcedor, com o intuito de deixá-lo mais rígido para os chamados “maus torcedores”, bem como regular as formas de comercialização e venda de ingresso, exclusão de cambistas e uma série de medidas que, caso não cumpridas, dão margem para punições legais. A lei assim prescreve:

não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos;  
 não incitar e não praticar atos de violência no estádio, qualquer que seja a sua natureza (BRASIL, 2010)

Dentre as modificações está o cadastramento de integrantes de torcidas organizadas, que nada mais é do que a utilização de uma ferramenta de controle a partir da individualização dos elementos de um grupo; além de penas mais rígidas – como multas e prisões para torcedores que causarem tumultos e brigas nos estádios e em seus arredores. A monitoração por imagem também passa a ser obrigatória nos estádios com capacidade para mais de 10 mil torcedores. Muitas das normatizações mostram, de certa maneira, o quão atrasado estava o futebol brasileiro, dito melhor futebol do mundo, visto que até pouco tempo atrás não havia penalizações para fatos que atentassem contra qualquer bom senso. Contudo, de tudo isso, o que mais causou polêmica (e que nos interessa mais nesse trabalho) foi também a proibição dos xingamentos e palavrões nas arquibancadas.

Além dessa norma de cunho federal, houve na Paraíba, também no ano de 2010, uma tentativa estatal de se proibir gestos obscenos e xingamentos nos estádios através de um acordo firmado entre um promotor e representantes de torcidas organizadas paraibanas, tal como mostrou uma reportagem do site da Folha de S. Paulo:

#### **Paraíba tenta vetar palavrões em estádios**

Estado quer proibir gestos obscenos e xingamentos

LUIZ CARLOS LIMA  
COLABORAÇÃO PARA A AGÊNCIA  
FOLHA, EM JOÃO PESSOA

Xingar o juiz, os bandeirinhas ou o perna de pau de um time de futebol está proibido nos estádios da Paraíba.

Entrou em vigor ontem a "Lei Pimenta na Boca".

Representantes de torcidas organizadas e o promotor Valberto Lira assinaram ontem em João Pessoa um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) que cria essa limitação.

O regulamento proíbe palavrões, atos violentos e gestos obscenos. Não há punição prevista, por enquanto, aos infratores, mas, dependendo da gravidade das ofensas, o caso poderá parar numa delegacia.

A medida, que tenta pôr fim à violência nos estádios paraibanos, vale para o Estadual e para o Brasileiro da Série C, que tem o Treze de Campina Grande como representante do Estado.

O promotor disse que a medida começará como uma forma de conscientização dos torcedores. "Acreditamos que xingamentos e músicas com palavras de baixo calão incitam a violência", afirmou Lira.

"O juiz agora está respaldado pelo TAC para prestar queixa em uma delegacia, por exemplo, caso se sinta ofendido pela torcida", declarou Lira.

Policiais militares vão fiscalizar os estádios nos dias de jogo. As músicas com palavras de baixo calão serão as mais visadas nas blitze. Segundo o promotor, denúncias feitas por torcedores ou outras pessoas também serão apuradas.

"O ato obsceno por si só já é crime. Tudo o que ocorrer dentro dos estádios será investigado pelo Ministério Público e, dependendo da gravidade do

caso, o infrator poderá até ser punido pelo crime de difamação", afirmou Lira.

Líderes das torcidas locais estão desconfiados. "Não tem como ficar nervoso e não falar um palavrão" declarou o diretor da torcida jovem do Botafogo, Marcos Natanael Silva.

Para o presidente da torcida Botapaz, Denay Júnior, a medida não será rigorosa. "Já pensou pegar uma reclusão porque xingou a mãe do juiz?"

Após a assinatura do TAC, as torcidas terão três meses para cadastrar eletronicamente todos os seus membros e encaminhar o cadastro ao clube a que pertencem, à FPF, à Polícia Militar e ao Ministério Público.<sup>51</sup>

Surpreende nesta notícia o fato de que a decisão de se proibir os insultos nos estádios, diferentemente da lei federal supracitada, foi tomada em uma espécie de "comum acordo" entre um promotor – o representante do Estado – e integrantes de torcidas organizadas – que acabam subvertendo (ao resignarem-se) os propósitos de enfrentamento às autoridades que estariam na base de seu surgimento.

Isso sugere que por mais que se defenda aqui que os estádios brasileiros se constituíram ao longo dos tempos como espaços de subversão com resquícios carnavalescos, não se pode negar que esses espaços de prática e vivência do futebol também reproduzem e até potencializam o poder do Estado no que diz respeito ao controle dos corpos. Isso sem mencionar a reprodução de preconceitos com relação à cor da pele, mas principalmente ao gênero; basta observar a propagação de frases como "Futebol é coisa de homem" ou "A Marta [brasileira eleita cinco vezes pela Fifa como melhor jogadora do mundo] joga que nem homem!" ou ainda "A Marta caberia muito bem em qualquer time do Campeonato Brasileiro! [uma vez que ela estaria "no nível dos homens"]". O texto "Marta é um fenômeno, mas não é e nem nunca será igual a Ronaldo", publicado no dia 6 de julho de 2011 pelo radialista Luís Carlos Quartarollo em seu blog, ilustra esse tipo de visão:

Os maldosos dizem que joga tanto que até parece homem.

Outros dizem, brincando ou não, que é um dos nossos melhores meias e eu até já brinquei algumas vezes que se fosse técnico de um time profissional masculino escalaria Marta com a camisa 10.

É só analisar o que temos de meias por aí e você vai perceber que pela bola que ela joga entraria fácil, fácil.

Não é bem assim. É apenas uma analogia forçada, pois a diferença é muito grande entre o futebol masculino e o feminino.<sup>52</sup>

<sup>51</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0403201022.htm>> Acesso em: 16 jan. 2013.

“Brincando ou não”, o fato é que o preconceito existe e é reproduzido e potencializado no futebol, esporte historicamente associado ao gênero masculino no Brasil. Se para Huizinga (1980) o jogo não é vida “corrente” nem vida “real”, uma vez que “o apito [final] do árbitro quebra o feitiço e a vida real recomeça” (HUIZINGA, 1980, p. 14), a reprodução de preconceitos e a manutenção de estruturas hierárquicas no futebol brasileiro são lapsos da realidade que emergem antes mesmo do feitiço ser quebrado com o apito do árbitro.

Ainda sobre a origem do termo “torcer”, a versão trazida por Buarque de Hollanda (2009) com base em cronistas esportivos do início do século XX, entre eles Mário Rodrigues Filho, é a de que na época, era comum as pessoas – principalmente as mulheres – acompanharem as partidas de futebol abanando lenços durante o jogo. Em determinados momentos, dada a tensão de certas jogadas, esses pedaços de panos eram torcidos e retorcidos, como resultado do extravasamento dos sentimentos do público.

Usados pelas mulheres de início para a saudação aos jogadores do time no decorrer do ritual futebolístico – seja a entrada da equipe em campo, seja a comemoração da vitória de sua equipe –, junto às fitas coloridas que serviam de adorno e de distintivo clubístico aos chapéus de cada espectador, a torção de tais adereços passou a simbolizar os gestos de aflição, bem como, os efeitos de contração do corpo a que se submetia de um modo generalizado todo e qualquer torcedor. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 133)

Metonimicamente, o próprio torcedor, assim como o lenço, torce, contorce-se e se retorce por seu time. Em outros países, palavras como *fan/fanatic* [fã/fanático] e *supporter* [aquele que dá suporte, apoio], na Inglaterra; *tifoso* [aquele que é acometido pelo tifo], na Itália; *hincha* [do verbo “hinchar”, em português, “inchar” ou “inflar”], na Espanha, na Argentina e no Uruguai; assim como as palavras *torcida* e *torcedor*, refletem uma relação que extravasa a simples assistência por parte do público de futebol (BUARQUE DE HOLLANDA, 2009).

Pode-se dizer, então, que a relação público-espetáculo, desde os primórdios do futebol brasileiro, caracterizou-o como um grande conjunto sógnico, em que os jogadores encontravam seu “outro” (no sentido bakhtiniano) nas

---

<sup>52</sup> Disponível em <<http://blog.jovempan.uol.com.br/quartarollo/marta-e-um-fenomeno-mas-nao-e-e-nem-nunca-sera-igual-a-ronaldo/>> Acesso em: 16 jan. 2013.

arquibancadas e vice-versa, uma vez que o universo de uma partida de futebol configura-se na “arena de um ‘diálogo’ polêmico e plural, corporal, não verbal, onde valem prosa e poesia, leveza e força, argumento e parábola, silogismo e elipse. Batalha dos gêneros pela posse do significante e pelo seu transpasse em gol.” (WISNIK, 2008, p. 120). Nesse sentido, dentro dessa grande esfera enunciativa marcada pela temporalidade da partida, para além da assistência passiva, o torcedor participa ativamente do espetáculo, ou seja, apresenta uma atitude *responsiva ativa* – aproveitando a expressão bakhtiniana (*Estética da criação verbal*, Martins Fontes Editora, 1997) – perante esse diálogo; diálogo verbal e “não verbal, projetado no terreno da disputa lúdica, que atualiza a necessidade de que haja um outro para que eu seja, de que um outro me afirme ao me negar.” (WISNIK, 2008, p. 51). Por essa capacidade de construção de sentidos e expressão de mensagens a partir de um código próprio e específico, além de configurar-se como elemento essencial na constituição de identidades, o futebol pode ser visto como um tipo de linguagem, com morfologia, sintaxe, semântica e retórica específicas.<sup>53</sup>

Retomando a relação do futebol com as tragédias gregas, ainda do ponto de vista da relação público-espetáculo, é possível enxergar uma analogia com o conceito aristotélico de *catarse*, finalidade da tragédia na Grécia, que consistia em “uma manifestação eminentemente purgativa e purificadora, capaz de provocar no espectador a liberação de determinadas sensações e de fazer com que aflorassem nele sentimentos como os de compaixão, de temor ou de humor incômodo.” (ARISTÓTELES, 1997, p. 232-235 *apud* BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 126)

Segundo Aristóteles (1997), as obras trágicas melhor sucedidas sob um ponto de vista técnico eram aquelas cujos resultados podiam ser aferidos na identificação da audiência com os assuntos levantados pela respectiva trama – a empatia, o ‘sentir com’ – e na capacidade da narrativa de despertar o prazer e a diversão na plateia dos anfiteatros. À tensão desenvolvida ao longo do enredo, com a concorrência da música, da dança e de toda a ambiência plástico-sonora do espetáculo, seguiam-se, pois, o gozo, a calma e o relaxamento obtidos pelo “escoamento do excesso de emoções”. (Idem)

---

<sup>53</sup> Hilário Franco Júnior (2007) propõe uma análise bastante completa da linguagem futebol (e não da linguagem **do** futebol, uma vez que se trata de coisas diferentes) em seu livro supracitado. Aqui, interessa-nos, mais do que encarar o futebol em sua “sintaxe”, extravasar essa concepção ao encará-lo a nível de signo ideológico, como vimos abordando.

No jogo de futebol, o gol representa o ápice do extravasamento catártico do torcedor. Na prosa poética de Eduardo Galeano, “o gol é o orgasmo do futebol” (GALEANO, p. 16, 2009). Com ele, “a multidão delira e o estádio se esquece que é de cimento, se solta da terra e vai para o espaço.” (Idem, p. 17).

Essa ideia do campo de futebol como espaço catártico de “escoamento do excesso de emoções” dialoga com a concepção bakhtiniana de *carnavalização*, cara ao nosso trabalho.

Por mais que tenhamos ciência de que o conceito de identidade, no singular, configure-se em uma armadilha dentro das próprias concepções bakhtiniana e ponziana, não se pode negar a relevante presença do futebol e do carnaval na história recente do Brasil. Levando isso em consideração, as reflexões de DaMatta (1982), Wisnik (2008) e Franco Júnior (2007), resguardadas as devidas ressalvas, são fundamentais para que situemos o futebol no contexto da pesquisa, e assim evitemos análises rasas e anacrônicas principalmente no que diz respeito à utilização do conceito de *carnavalização* cunhado por Bakhtin (2008).

Aliás, acerca das relações entre carnaval e futebol, DaMatta faz uma comparação defendendo essas manifestações como importantes elementos da constituição identitária do cidadão brasileiro, e segundo ele, a junção entre carnaval e futebol no Brasil não deve causar espanto como componentes dessa identidade, principalmente pela presença de entrecosques com o destino (como colocado anteriormente), presentes de maneira marcante no futebol e no carnaval. É óbvio que quando utilizamos a palavra carnaval no contexto brasileiro, também remetemos às manifestações populares (ou parcialmente populares, como o caso dos desfiles de rua “oficializados” de São Paulo e Rio de Janeiro) que mantêm resquícios daquela essência carnavalesca, que Bakhtin considera imune aos efeitos do tempo.

Essa essência *carnavalizada/carnavalizante* permite que tracemos paralelos bastante fecundos entre o carnaval em seus moldes atuais e o futebol propriamente dito. A respeito disso, o escritor José Roberto Torero postou em seu blog no dia 13/10/2010 um texto que pode contribuir grandemente com nossas reflexões. Abaixo reproduzo o texto na íntegra:

### Ziriguidum, teletecoteco, balacobaco<sup>54</sup>

*(publicado no carnaval de 1998)*

Há aqueles que acham que o futebol deve ser comparado a uma batalha, mas esse não é o meu caso. Penso que o futebol é, antes de tudo, uma arte e, como arte, visa o belo. Ele é uma preciosa mistura de balé com teatro, e não há jogo que não tenha mais drama que um Macbeth, ou tanta quanto comédia um Tartufo.

Porém, há cem anos tratamos o futebol como se fosse um reles esporte, em que quem faz mais pontos vence.

É hora de acabar com isso! Mudemos as regras! Que vença o que oferecer mais beleza, não o que fizer mais gols! Menos contabilidade, mais estética. Como disse Parreira: “o gol é apenas um detalhe”.

Mas o leitor deve estar se perguntando: mas se o gol não definir o placar de um jogo, como saber quem foi o vencedor?

Por um longo tempo, também pensei nesse problema, mas então, como se fosse um sinal divino, meu vizinho colocou para tocar, no último volume, o CD dos sambas-enredo de 1998.

Era isso! Aí estava a resposta! Carnaval e futebol são as duas maiores paixões nacionais, e um jogo tem muito mais a ver com um desfile de escola de samba do que sonha a nossa vã filosofia.

Sendo assim, conclui que deveríamos utilizar os quesitos típicos do Carnaval para julgar uma partida de futebol. Cada quesito receberia notas de zero a dez, e a soma de todas definiria o vencedor.

O ataque, obviamente, seria a comissão de frente.

Evolução, a forma como um time sai da defesa para o ataque. Contariam pontos a precisão dos lançamentos e as jogadas de efeito.

Harmonia, o conjunto da equipe.

Bateria, a defesa. Neste caso seriam avaliadas as antecipações e roubadas de bola sem falta.

Também contariam pontos as fantasias, ou seja, os uniformes. Como diria Gilberto Gil, “quanto mais purpurina melhor”.

No quesito alegorias, seriam julgados dribles e lances de efeito, coisas que andam meio escassas, mas que, com essas revolucionárias regras, certamente voltariam aos campos.

Obrigatoriamente, cada time teria que ter pelo menos um jogador oriundo da terra de ACM, que representaria a ala dos baianos. Com Júnior, Gil e Baiano, as equipes de Flamengo, Fluminense e Santos saem na frente neste quesito.

Por fim, mestre-sala e porta-bandeira seriam, obviamente, o artilheiro e o capitão do time.

E o gol, para que não fosse esquecido de vez, valeria pontos na categoria adereços.

Mas essa mescla de futebol e Carnaval não deve parar nas equipes.

Todos os componentes do jogo devem fazer parte do espetáculo. Por exemplo, por que não contratar como bandeirinhas as belas Sheila Carvalho e Carla Perez? Muitos iriam a campo apenas para vê-las e nem ligariam para os impedimentos contra seu time.

E para juíza, não se poderia ser escalada outra senão a primeira e única Valéria Valenssa, que não seria mais a mulata globeleza, mas sim a mulata golbeleza.

Enfim, vamos carnavalizar este esporte! Ziriguidum, teletecoteco, balacobaco!

---

<sup>54</sup> Texto de José Roberto Torero, retirado do blog do autor:

<http://blogdotorero.blogosfera.uol.com.br/velharias/ziriguidum-teletecoteco-balacobaco/> - Acessado em 20/10/2010.

O autor inicia o texto aproximando o futebol dos mais elevados tipos de arte, e o faz, citando obras literárias consagradas. Isso vai ao encontro do que dissemos mais acima, citando Wisnik (2008), a respeito da “gratuidade” do futebol que o alça ao grau de expressão do ensaísmo, da ficção e da música. Essa característica, de acordo com Torero, destoa do caráter esportivo do futebol, que desvia nossa atenção do plano puramente ético da prática futebolística – daí então sua defesa por “menos contabilidade e mais estética”. Nesse ínterim, surge a ideia de se analisar o futebol levando-se em conta os critérios do julgamento dos desfiles de escola de samba.

No entanto, a ideia de *carnavalizar* o futebol brasileiro, explicitada na última frase do texto, pouco traz da concepção bakhtiniana de *carnavalização*, pois o autor, ao se esforçar pela negação do caráter competitivo do esporte, acaba por ressignificá-lo, fazendo nada mais que uma troca de critérios. E, como todos sabemos, nos carnavais de Rio e São Paulo, pouco há de rebaixamento de pessoas e instituições dominantes; muito pelo contrário, o que se vê na maioria das vezes é a exaltação de celebridades, que são homenageadas nos carros alegóricos pelo simples fato de serem famosas – isso quando não pagam fortunas para serem destaque da escola de samba. Junte-se a isso, o fato de o carnaval dessas cidades ter sido elevado a um patamar ímpar de oficialidade e rigidez, controlada pela TV (veja-se a referência do texto a Valéria Valenssa, mulata-símbolo do carnaval da Rede Globo de Televisão), que transmite ao vivo as quatro noites de folia. Transmissão, oficialidade e rigidez também transposta aos campeonatos de futebol.

### 3.2. O jogo no domínio do sagrado

De acordo com Huizinga (1980), por fazerem parte do domínio do sagrado, os jogos sempre envolvem a perspectiva da sorte, que, ritualisticamente, pode “significar e determinar os desígnios divinos” (p. 64):

A sorte pode ter um significado sagrado; os dados podem significar e determinar os desígnios divinos; é um meio tão eficaz de influenciar os deuses como qualquer outra forma de competição. E não há dúvida que podemos até ir mais longe, afirmando que para o espírito humano as ideias de felicidade, de sorte e de destino parecem estar muito próximas do domínio do sagrado. (Idem, pp. 64-65)

A respeito dessa questão da sorte e do destino que permeiam os jogos, DaMatta traça um paralelo da concepção de *jogo* que se tem no Brasil com concepções encontradas em outros países, como Estados Unidos e Inglaterra. Segundo ele, americanos e ingleses, diferentemente dos brasileiros, utilizam palavras diferentes para designar jogos de azar de atividades esportivas. Enquanto no Brasil, a palavra *jogo* é vastamente utilizada em ambos os casos, trazendo para a esfera esportiva, ou seja, para a disputa dentro das quatro linhas toda uma conotação de casualidade e até de sobrenaturalidade, nos EUA e na Inglaterra há uma diferenciação, isto é, enquanto “game” é utilizado para os esportes que (supostamente) não envolvam sorte, os jogos de azar são designados pela palavra “gamble”, algo que está distante da atividade esportiva propriamente dita, embora possa obviamente fazer parte de sua constelação ou das organizações globais que o esporte permite articular.” (Idem, p. 25)

Por outro lado, a expressão inglesa que designa o verbo “jogar” indica uma intersecção polissêmica com outras esferas da atividade humana, que vão além da atividade esportiva. O verbo “*To play*” [*jogar*], em inglês, pode significar também *brincar*, *tocar* [instrumentos], *encenar* [uma peça teatral], tal como define o dicionário online Inglês/Português Michaelis.<sup>55</sup>

Essa comparação com a língua inglesa ilustra bem o que tentamos defender neste trabalho, uma vez que exemplifica, linguisticamente, as relações futebolísticas que extravasam o âmbito do esporte; ou seja, aquele que *joga* é

<sup>55</sup> Michaelis Dicionário Moderno Inglês. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles>> Acesso em: 05 ago. 2012.

também aquele que *encena*, que assume um papel, um personagem na trama do jogo – tomado aqui como espetáculo dramático – na relação entre *skene* e proscênio. Contudo, é preciso mencionar que, assim como Wisnik (2008), DaMatta (1982) também incorre em uma espécie de “supervalorização” do futebol brasileiro, ao defender que, apenas no Brasil, o jogo de futebol é jogado em três instâncias que se inter-relacionam e que extravasam a alcunha puramente esportiva dos eventos que envolvem o futebol:

Há, é claro, um jogo que se passa no campo, jogado pelos jogadores como atividade profissional e esportiva. Há um outro jogo que se passa na ‘vida real’, jogado pela população brasileira, na sua constante busca de mudança para seu destino. E um terceiro jogo jogado no ‘outro mundo’, onde entidades são chamadas para influenciar no evento e, assim fazendo, promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas e implicadas no evento esportivo. Ou melhor, num ‘evento total’, já que de esportivo ele só teria o nome e a origem. (DaMATTa, 1982, p. 26)

Nesse trecho, DaMatta corrobora a questão do futebol como metáfora da vida – que tentamos superar neste trabalho –, defendendo que, além daquele jogo praticado dentro das quatro linhas do gramado, com todas as regras e resultados que o constituem como “atividade profissional e esportiva”, há ainda dois jogos envolvidos, principalmente quando se trata da relação do espectador/torcedor brasileiro com esse esporte. O segundo jogo é aquele da “vida real”, que inclui a batalha diária da população, em “sua constante busca de mudança para seu destino”. Já o terceiro, na concepção de DaMatta, é o jogo transcendental, aquele jogado no “outro mundo”, em que entidades são invocadas para influenciar de alguma maneira no resultado. O escritor uruguaio Eduardo Galeano, em seu livro *Futebol ao sol e à sombra* (2009), sintetiza poeticamente essa questão:

Neste espaço sagrado [o estádio, templo do futebol], a única religião que não tem ateus exibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. (GALEANO, 2009, p. 14)

Nesse sentido, os “torcedores”, aqueles que torcem e se retorcem por seus clubes, são mais do que simples espectadores no e do acontecimento esportivo, participando (ou acreditando participar) diretamente dele.

O “terceiro jogo” proposto por DaMatta é retomado na citação de Galeano, à medida que este compara o torcedor de futebol ao praticante de uma religião, cujo templo é o estádio, e as divindades são os jogadores. No Brasil, essa relação futebol-religião faz emergir imbricações discursivas, tais como a que encontramos no enunciado “Jogai por nós”, exibido por algumas torcidas brasileiras – em especial, a do Sport Club Corinthians Paulista – em faixas nos estádios, ou mesmo em cantos entoados por esses torcedores:



**Figura 16. Faixa exibida por torcedor do Corinthians com o enunciado “Jogai por nós”.<sup>56</sup>**

Há, nessa frase, um diálogo com o enunciado “Rogai por nós”, encontrado em celebrações, orações e ladainhas católicas. Estruturalmente, esse diálogo com o discurso religioso fica claro pela flexão dos verbos “jogar” e “rogar” – ambos pertencentes à primeira conjugação verbal (-ar), e muito próximos no que diz respeito à estrutura fonética, diferenciando-se apenas pelos pares mínimos /ʒ/ e /r/ iniciais –, na segunda pessoa do plural (vós) do modo imperativo.

“Rogar”, de acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), significa “pedir com insistência e humildade; suplicar, implorar, instar”. Tal como nas ladainhas cristãs proferidas nas missas, em que se costuma invocar o nome da Santíssima Trindade, da Virgem Maria ou mesmo dos santos e santas, assim também nos estádios, espaço sagrado dos ritos futebolísticos, os torcedores – os fiéis<sup>57</sup> dessa religião – rogam por/para seus clubes e jogadores, divinizados dentro das quatro linhas:

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://fieljacira.blogspot.com/2011/04/retirada-de-cartoes-fiel-torcedor-nos.html>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

<sup>57</sup> Não por acaso, a torcida do Corinthians é também conhecida como “Fiel Torcida”, ou, simplesmente, “Fiel”.

Na microssociedade religiosa do futebol os fiéis, já dissemos, são os torcedores. Os não profissionais do rito, aqueles que dele participam sem o executar. Aqueles que se exaltam diante de seus ídolos, discutem, brigam e às vezes matam ou morrem por sua divindade clubística. Aqueles que, com o entusiasmo cantam o hino do clube, incentivam o time, aplaudem as boas jogadas de seus heróis. Enquanto os oficiantes precisam de entusiasmo dosado para bem cumprir suas funções, os fiéis são entusiastas totais à espera do momento do êxtase (gol) propiciado por sua divindade por meio dos oficiantes. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 284)

Assim, o enunciado “Jogai por nós” representa bem a imbricação discursiva que, no Brasil, alça o futebol ao patamar das religiões. Aproximação essa, abordada por Eduardo Galeano (2009), mais uma vez poético e exato ao mesmo tempo, quando diz que o futebol se parece com Deus na “devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.” (GALEANO, 2009, p. 40). Nesse sentido, para além da concepção marxista de “ópio do povo”, o futebol e os enunciados que dele emergem integram uma das mais importantes esferas de atividade no Brasil, mobilizando direta ou indiretamente toda a sociedade, constituindo-se, não como metáfora ou representação mimética da sociedade, mas como uma espécie de metonímia dela.

## Considerações finais

Na tentativa de responder à pergunta concernente ao que é mobilizado pelo futebol no Brasil, tentamos ao longo do texto enxergá-lo como signo ideológico multifacetado. Uma vez signo, abre-se a uma gama de imbricações sociais e culturais, dentre as quais o ponto de intersecção com a arte; de modo que conseguimos, à medida do possível, considerar a relação público-espetáculo nesse esporte à luz da experiência estética.

Para tanto, as concepções de *carnevalização*, *catarse* e *infuncionalidade* mostraram-se caminhos bastante elucidativos no escopo do trabalho. O sentimento catártico provocado pelo jogo de futebol em seus adeptos, potencializado no momento do gol, e que remonta esse esporte às tragédias gregas, liberta o homem, pelo menos por alguns minutos, dos “trilhos da vida comum”. Porém, ao mesmo tempo que liberta, pode também, já que é signo, e uma vez que é visceralmente parte da sociedade, reproduzir e refratar concepções estratificadas nela.

Nesse sentido, o futebol, como uma das formas de *dramatização* da sociedade e, como linguagem composta de signos verbais e não verbais, reflete e refrata, prosaica ou poeticamente, as relações sociais das quais faz parte.

## Referências bibliográficas

AZEVEDO, Ana Vicentini de. A estrutura triádica do palco grego. In: **A metáfora paterna na psicanálise e na literatura**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_, Mikhail. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: BAKHTIN, Mikhail. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

\_\_\_\_\_, Mikhail (Voloshínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_, Mikhail. O problema do herói na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BRASIL. Lei n. 8.078/90. **Proteção do Consumidor**. Brasília, 1990.

\_\_\_\_\_. Lei n. 8.672/93. **Normas Gerais sobre Desportos**. Brasília, 1993.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.615/98. **Normas Gerais sobre Desporto**. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei 10.671/03. **Estatuto de Defesa do Torcedor**. Brasília, 2003.  
Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.671.htm>> Acesso em: 25 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Lei n. 12.299/01. In: **DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO**. Brasília, p.1, 28 de jul. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm)> Acesso em: 25 ago. 2010.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo B. **Futebol, arte e política**: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. *Organizações & Sociedade*, Bahia, v. 16, n. 48, p. 123-140, jan./mar., 2009. Disponível em: <<http://www.revistaoes.ufba.br/include/getdoc.php?id=710&article=578&mode=pdf>> Acesso em: 18 jul. 2011.

CAPINUSSÚ, J.M. **A linguagem popular do futebol**. São Paulo: IBRASA, 1988.

DaMATTA, Roberto da. Esporte na Sociedade: Um Ensaio Sobre o Futebol Brasileiro. In: Da Matta, Roberto et al. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Org.). **Arenas de Bakhtin: Linguagem e Vida**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2008.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Org.). **O Espelho de Bakhtin**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2007.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Org.). **Pensares Bakhtinianos**: Escritos Impertinentes. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2010.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Org.). **Questões de cultura e contemporaneidade**: o olhar oblíquo de Bakhtin. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2011.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Org.). **Veredas Bakhtinianas: de objetos a sujeitos**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2006.

**Michaelis Dicionário Moderno Inglês**. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles>> Acesso em: 05 ago. 2012.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. Beth Brait (org.). 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PASSOS, Paulo. Pão e Circo. **Revista Placar**, São Paulo, pp. 60-65, abr.2008.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

RIBEIRO, L.C. **Brasil: futebol e identidade nacional**. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>> Acesso em: 10 jul. 2012.

RIBAS, L. V. **O mundo das Copas: as curiosidades, os momentos históricos e os principais lances do maior espetáculo do esporte mundial**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SÍMON, L. A. Chega de Saudade. **Revista ESPN**, São Paulo, número 17, pp. 32-37, mar.2011.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_, L. H. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TORERO, J. Roberto. **Ziriguidum, telecoteco, balacobaco**. Disponível em: <<http://blogdotorero.blogosfera.uol.com.br/velharias/ziriguidum-teletecoteco-balacobaco/>> Acesso em: 20 out. 2010.

WISNIK, José M. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## Anexos

### ANEXO A – Notícia

#### **Flamengo confirma Adriano no elenco do time**

É a terceira passagem do imperador pelo time. Em 2009, viveu o melhor momento no clube: foi artilheiro com 19 gols e campeão brasileiro.

Na busca de soluções e melhor desempenho no Campeonato Brasileiro, o Flamengo traz de volta Adriano.

O imperador voltou de novo. É a terceira passagem dele pelo Flamengo, e tem todo o apoio da torcida. Só precisa recuperar a forma física. Ele é esperado no Flamengo para treinar nesta quarta-feira (22).

Está na capa oficial do Flamengo na internet. Voltou, mas por enquanto só até o fim do ano. Adriano acertou com o Flamengo um contrato por produtividade e o salário, que não foi divulgado, seria baixo. Mas o atacante receberia uma bonificação por número de jogos disputados e rendimento dentro de campo.

“A dedicação eles sabem que eu sempre dei dentro de campo e ter mais compromisso comigo mesmo, e com o clube”, afirma Adriano.

Será a terceira passagem de Adriano pelo Flamengo. Na segunda, em 2009, viveu o melhor momento no clube: artilheiro com 19 gols e campeão Brasileiro.

Depois de duas cirurgias, Adriano está recuperado do problema no Tendão de Aquiles do pé esquerdo. Agora, o imperador precisa recuperar a forma física.

“Andei fazendo alguns trabalhos na academia. Vou esperar agora, e ter um pouquinho de paciência, em um mês acho que já posso estar dentro de campo”, diz. O desafio é grande. Nos últimos dois anos fez 16 partidas, oito jogos pelo Roma e oito pelo Corinthians. Muito pouco para um jogador que não joga desde 4 de março e não era titular. Ele vai ter que se esforçar.

## ANEXO B – Notícia

### **Com 48% de presença, Valdivia ainda é visto como líder pelo elenco**

Dos nove atletas cortados do jogo contra o Botafogo, nesta quarta-feira, só dois não têm lesão confirmada: o terceiro goleiro Fábio e Valdivia, oficialmente poupado por sentir incômodo na coxa esquerda. O chileno mantém a moral com o grupo, apesar de ter disputado apenas 48% dos jogos desde que reestreou pelo Palmeiras, há exatamente dois anos, em 22 de agosto de 2010. São 78 partidas como desfalque em 150 disputados pelo clube.

"O Valdivia é um dos líderes do time, tem a confiança e o respeito de todos. Tanto que é o capitão quando o Marcos Assunção e o Henrique não estão jogando", apontou o goleiro Bruno, que definiu o meia como um "grande amigo" seu, mesmo fora de campo.

A dificuldade está em criar qualquer relação com ele dentro de campo. Mesmo quando Luiz Felipe Scolari será forçado a ter só quatro jogadores de linha como suplentes (um goleiro, dois zagueiros e dois atacantes, nenhum meio-campista) no jogo que decide a classificação às oitavas de final da Sul-americana, a opção foi poupar o meia, que, mesmo com dores na coxa esquerda, disse que descansaria apenas se fosse a vontade do treinador.

Bruno defende o amigo, atrapalhado nestes dois anos por contusões, cartões e, até 2011, convocações para a seleção chilena. "O Valdivia é importantíssimo para o nosso time. Sofre bastante não só com lesões, mas porque apanha muito. Ele joga de costas para o gol e um jogador desse tipo sempre apanha bastante", opinou.

O goleiro ressalta a importância dele no time. "Ele faz muita falta. Tomara que tenha uma sequência de jogos, precisamos muito dele e ele sabe disso", apontou. "Ele tem uma qualidade fenomenal dentro de campo. Sabe enfiar a bola para os laterais e os atacantes, deixa os atacantes na cara do gol o tempo todo", continuou.

A esperança é de que o camisa 10 esteja em campo no sábado, contra o Santos, em partida na qual, em caso de derrota, fará o Palmeiras terminar o primeiro turno do Campeonato Brasileiro na zona de rebaixamento.

Sem Valdivia, contratação que custará R\$ 36 milhões a serem pagos até 2016 - e seu vínculo acaba em 2015 -, o Palmeiras tenta evitar uma derrota por mais de dois gols de diferença para não ser eliminado precocemente na Sul-americana.

Se o chileno foi poupado, e Fábio não viajou por ser inútil ter três goleiros à disposição em um jogo, ficaram fora por lesão Artur, Márcio Araújo, Maikon Leite e Daniel Carvalho, Luan, Fernandinho e Marcos Assunção, enquanto Correa, João Denoni e Patrick Vieira treinam normalmente e não viajaram porque não estão inscritos.

## ANEXO C – Notícia

### **Segundo clássico pelo São Paulo empolga Ney Franco: 'A semana vai ser diferente'**

A estreia de Ney Franco no comando do São Paulo foi com clássico contra o Palmeiras. Depois daquele empate por 1 a 1 (com um jogador a mais) não comemorado, o treinador se mostra empolgado às vésperas do confronto de domingo, diante do Corinthians. "Todo clássico é gostoso de se jogar por causa da rivalidade. Faz com que a semana seja diferente", disse, após a classificação para as oitavas de final da Copa Sul-Americana com vitória por 2 a 0 sobre o Bahia.

O triunfo de terça-feira foi o sexto dele em 12 jogos pelo clube – teve ainda cinco derrotas e um empate. Em fase de reajustes no time, que tem sofrido com desfalques recorrentes por lesão ou suspensão, ele espera melhorar a média no fim de semana e encerrar o primeiro turno do Campeonato Brasileiro em alta.

"A gente só pensa na vitória, qualquer que seja o adversário que enfrente. Não vai ser diferente agora", atentou Ney Franco, não sem demonstrar respeito ao rival. "É um jogo diferente, à parte do campeonato. Cabe a nós preparar a equipe para fazer um bom jogo", emendou.

Será o segundo clássico seguido do Corinthians, que no último fim de semana foi derrotado pelo Santos em jogo polêmico. O clube do Parque São Jorge tem reclamado desde o início da semana de impedimento claro no segundo gol da derrota por 3 a 2. Erro que levou a afastamento quase que imediato do árbitro assistente e preocupa Ney Franco.

"Espero que os profissionais tenham condição de apitar sem interferência dos questionamentos do último jogo, lembrando que todas as equipes já foram prejudicadas e favorecidas por erros de arbitragem no Brasileiro", concluiu o técnico são-paulino, que inicia a preparação para o clássico na tarde desta quarta-feira, no CT da Barra Funda.

Garantido entre os titulares, o meia-atacante Lucas também admite "gostinho diferente" para essa partida. "O espírito é outro, a vontade é outra. A gente quer vencer por se tratar de um grande rival, pelo histórico desse clássico. É como se fosse outro campeonato, de um jogo só. Todos querem jogar. A preparação é muito maior para o jogo", comentou o camisa 7.

## ANEXO D – Notícia

### **Fora de cinco clássicos, Emerson vira trunfo para duelo com Tricolor**

Luiz Ricardo Fini  
São Paulo (SP)

O técnico Tite tem um trunfo para buscar a recuperação neste Campeonato Brasileiro. Depois da polêmica derrota do Corinthians diante do Santos, o atacante Emerson deve ser a principal novidade do Alvinegro para a partida contra o São Paulo, domingo, no Pacaembu.

Formado nas categorias de base do próprio Tricolor, o Sheik esteve presente em apenas dois dos sete clássicos disputados pelo Timão na temporada e venceu ambos. O primeiro em que jogou aconteceu no dia 25 de março, quando foi titular na vitória por 2 a 1, de virada, sobre o Palmeiras, que deu adeus a uma invencibilidade no ano. Apesar de não ter feito gols, o atacante alvinegro incomodou bastante a defesa rival, principalmente quando o placar já favorecia seu time.

O outro clássico em que Emerson atuou no ano ficou marcado na história do Corinthians e do próprio jogador. No dia 13 de junho, o atleta marcou o gol da vitória por 1 a 0 sobre o Santos, na Vila Belmiro, pela semifinal da Libertadores. O placar foi determinante para a classificação do Timão, mesmo com a expulsão do Sheik na casa santista.

Por conta do cartão vermelho, o atacante ficou fora do segundo jogo da semifinal, cumprindo suspensão automática. Antes, o jogador já havia desfalcado o Corinthians em dois confrontos contra rivais no Campeonato Paulista, ambos por opção de Tite, que preferiu poupá-lo para o torneio continental: ficou fora diante de São Paulo (triunfo por 1 a 0) e Peixe (tropeço por 1 a 0), ainda na primeira fase do Estadual.

Neste Brasileirão, Emerson foi ausência de outros dois clássicos. Mais uma vez, acabou preservado para a Libertadores (assim como os demais titulares) e viu de longe o triunfo por 2 a 1 sobre o Palmeiras, com dois gols de Romarinho. Já na rodada passada da competição nacional, no tropeço por 3 a 2 diante do Santos, o atleta se recuperava de lesão no tornozelo esquerdo.

Por conta do problema clínico, o atacante ficou fora dos jogos desde 25 de julho, mas já anunciou que estará pronto para encarar o São Paulo pela primeira vez no ano e até treinou finalizações na tarde de terça-feira. O mais provável é que o peruano Paolo Guerrero volte para o banco com a entrada de Emerson na equipe de Tite.

## ANEXO E – Notícia

### **Com pintura de Kim, Náutico bate o Santos e interrompe má sequência**

A torcida do Santos já se acostumou a ver gols marcados em jogadas individuais de seu craque, Neymar. Neste domingo, no entanto, sem seu principal jogador em campo, a torcida teve que ver Kim fazer fila desde o campo defensivo e marcar um gol na vitória por 3 a 0 do Náutico sobre a equipe santista neste sábado.

Além de Kim, o estreante lateral direito Patric abriu o placar e Kieza completou a vitória sobre o desfalcado e apático Santos que encerrou uma sequência de três derrotas seguidas da equipe pernambucana.

O resultado positivo nos Aflitos deixa o Náutico em situação mais tranquila no Campeonato Brasileiro. A equipe agora ocupa a 11ª posição com 16 pontos, a quatro de distância da zona de rebaixamento. Já o Santos continua na parte de baixo da tabela, ficando com 13 pontos na 16ª posição do Campeonato Brasileiro.

Pela 15ª rodada, a equipe pernambucana tenta consolidar uma reação no Campeonato Brasileiro fora de casa contra o Inter, na quarta-feira, às 19h30 (de Brasília). Já o Peixe busca a recuperação atuando contra o Cruzeiro em casa também na quarta-feira, mas às 21h50 (de Brasília).

O jogo - O Náutico já começou se impondo sobre o Santos, com Aranha sendo exigido aos 11 minutos, quando foi defendido finalização à queima-roupa de Elicarlos em sobra de bola na área após cobrança de escanteio.

O Timbu chegou a balançar as redes no minuto seguinte, com Araújo recebendo passe em profundidade pela esquerda da área e batendo forte para o gol, mas o tento foi corretamente anulado por posição irregular do atacante.

Um erro na saída de bola santista permitiu que Souza dominasse sozinho na área aos 20 minutos. Na frente de Aranha, o meio-campista tentou o toque por cobertura e acabou mandando a bola por cima do gol.

O alvirrubro dominava o jogo e só não abriu o placar ainda no primeiro tempo por mais uma boa intervenção de Aranha. Aos 46 minutos, o goleiro cresceu para cima de Kieza para impedir que ao atacante marcasse após receber cruzamento sozinho na pequena área.

O gol do Náutico pareceu questão de tempo na primeira etapa, mas acabou chegando apenas na segunda: 13 minutos após o fim do intervalo, Souza lançou Araújo na área. O atacante limpou Bruno Rodrigo e bateu para rebote de Aranha. Na área, Patric não perdoou e mandou para as redes.

Após sofrer o gol, o Santos passou a ficar mais tempo com a bola em busca do empate, mas ainda não conseguia criar boas oportunidades. No final, a falta de criatividade da equipe foi punida pelo Náutico, que chegou ao segundo gol em uma pintura de Kim.

Aos 35 minutos, o atacante, que saiu do banco de reservas durante o segundo tempo, puxou fila desde o campo defensivo para invadir a área e tocar com categoria, tirando a bola do alcance de Aranha.

O Peixe ainda pressionou nos minutos finais do jogo tentando diminuir a desvantagem, conseguindo uma sequência de cobranças de escanteio depois dos 40 minutos, mas acabou sofrendo com o contra-ataque do Náutico, que garantiu o terceiro gol da equipe aos 46 minutos, quando Kieza finalizou cara a cara com Aranha.

ANEXO F – Notícia

### **Artilheiro dos gols, Barcos busca nova pintura contra o Botafogo**

Hernán Barcos se prepara para subir ao gramado: veste o calção, a camisa, os meiões do Palmeiras, calça as chuteiras e nas mãos carrega um pincel. Pincel? Não é difícil para o torcedor palmeirense usar a imaginação para visualizar essa cena, uma vez que o goleador já coleciona seis lindas pinturas na sua trajetória no Palestra Itália.

Às 22h desta quarta-feira, o Pirata reencontra o adversário que mais o inspirou nas criações com a camisa alviverde. O Verdão enfrenta o Botafogo, no Engenhão, pela Copa Sul-Americana, e o jogo terá transmissão em tempo real pelo LANCENET!.

O artista argentino já poderia acumular quatro belas obras diante dos cariocas, mas o auxiliar Antônio Guimarães Lugo cometeu erro grotesco ao alegar impedimento (inexistente) na vitória palmeirense por 2 a 1, no Rio de Janeiro, no último dia 8 de agosto, pelo Campeonato Brasileiro, e um quadro não pôde ser exposto no “Louvre do futebol”.

Mas a galeria de Barcos tem três gols contra o Alvinegro. Um pelo Nacional e dois no jogo de ida (2 a 0) pela Sul-Americana, que garantiram vantagem ao Palmeiras nesta quarta.

A equipe de Luiz Felipe Scolari pode perder por um gol de diferença que avança para as oitavas de final (ou até por dois, se fizer gols). Guaraní (PAR) e Millonários (COL) jogam do outro lado da chave na Copa.

Antes de pensar na etapa internacional da competição, Barcos pediu que o Palmeiras jogue com inteligência nesta noite. A intenção é levantar mais uma taça na temporada, depois da conquista invicta da Copa do Brasil. O camisa 9 sabe da experiência de Felipão em partidas mata-mata – só perdeu uma nesse formato no ano: 3 a 2 para o Guarani, na eliminação no Paulistão. A situação no Brasileirão não é boa, e a classificação também significa tranquilidade para o clássico contra o Santos, sábado, no Pacaembu.

Mais do que belas pinturas, o centroavante almeja estar em mais um quadro de campeão ao término dessa temporada. Seus gols serão fundamentais por esse objetivo. Categoria no pé e pincel na mão!

## ANEXO G – Notícia

### **Em baixa, Seleção busca recomeço em palco do primeiro título mundial**

Fábio de Mello Castanho

Não poderia ser mais simbólico. Depois da derrota na final dos Jogos Olímpicos e do aniversário de dois anos do contestado Mano Menezes no comando, o Brasil busca um recomeço justamente no palco que marcou o início de sua história vitoriosa no futebol.

Quando entrar no Estádio Rasunda para enfrentar a Suécia, nesta quarta-feira, às 15h (de Brasília), a Seleção viverá um clima de nostalgia, de ode a um passado que pressiona, aumenta a responsabilidade e cobra um sucesso que está difícil de repetir nos últimos anos.

Com festividades marcadas para o longo do dia, o jogo em Estocolmo marcará a despedida da seleção sueca do local que recebeu a final entre os dois países na Copa do Mundo de 1958. No próximo ano o estádio será demolido, mas as lembranças serão eternas para os brasileiros. O palco presenciou o primeiro título mundial do país, mas acima de tudo acabou com o "complexo de vira-lata", expressão criada pelo dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues para se referir ao trauma provocado pela perda da Copa do Maracanã em 1950.

Desde então, o Brasil conquistou mais quatro títulos mundiais, sempre figurou entre os protagonistas do futebol e criou uma imagem de superpotência. História rica, mas que nos últimos anos está longe de conquistas. A Seleção Brasileira que enfrentará a Suécia nesta quarta está desacreditada pela falta de resultados contra grandes, amarga na era Mano Menezes fracasso na Copa América e decepção da prata, não ganha uma Copa há 10 anos e ocupa a sua pior posição (13º) desde que o ranking da Fifa foi criado. Exagero dizer que o complexo de vira-lata mais uma vez atingiu o país, mas pertinente dizer que o futebol vive uma crise.

Capitão do time, Thiago Silva quer encarar a coincidência como motivação. O Brasil entrará em campo com o uniforme de 1958 para o primeiro tempo, sem nenhuma estrela no peito, como se voltasse ao tempo e precisasse provar que é capaz de grandes feitos. "É um recomeço. Você usar um uniforme e não ver nenhuma estrela, alimenta um sonho de colocar uma estrela e ter uma motivação a mais", diz o zagueiro.

Na tribuna de honra, além de oito jogadores suecos presentes naquela final, os campeões de 58 Pelé, Mazzola, Pepe e Zito acompanharão a partida depois de serem homenageados. Um dia antes, eles divergiram ao analisar a Seleção Brasileira. Pelé foi diplomático. Mazzola duro. "O time precisa de uma injeção de

caráter", disse. No Brasil, as críticas também atingem à Seleção e principalmente a Mano. "Cabe a interpretação do que é certo. A maioria não serve", rebate.

O treinador precisa de uma vitória para aliviar a pressão. Está garantido no cargo pelo presidente da CBF, José Maria Marin, mas não se sabe até quando. Se o futebol não melhorar e os resultados continuarem abaixo do esperado nos próximos amistosos, o treinador pode encerrar o ano sem o emprego. "Ninguém se afirma com resultados negativos", concorda. Neste sentido, uma partida longe do Brasil se torna um alívio e uma chance de amenizar a pressão.

Para reverter a decepção olímpica, Mano vai escalar um time com quatro alterações, todas já esperadas por conta da volta de jogadores acima de 23 anos. Daniel Alves retoma o lugar na lateral direita ocupado pelo instável Rafael Silva. O mesmo ocorre com a substituição de Juan por David Luiz.

No meio-de-campo, o técnico testa uma formação que deve permear o seu trabalho neste começo de etapa. O corintiano Paulinho, com melhor saída de jogo, entra no lugar de Sandro, um jogador mais voltado para a marcação, e fará dupla com Rômulo. "Nunca escondi minha preferência por uma formação de linha de volantes para privilegiar uma saída de jogo", explicou. Ramires joga no espaço ocupado por Hulk na Olimpíada, pela direita, assim como no Chelsea. E Oscar, centralizado, ganha mais liberdade.

Do outro lado, o Brasil vai encontrar um time que não passou da primeira fase da última Eurocopa, mas tem jogadores experientes e Ibrahimovic como astro. "É uma seleção um pouco mais definida do que nós neste estágio de trabalho", disse. A Suécia é 17ª colocada no ranking da Fifa, quatro posições atrás do Brasil.

## Vips

O jogo entre Brasil e Suécia contará com a presença de muitas personalidades nas tribunas. Além de Pelé e outros três jogadores campeões de 1958, estarão no Estádio Rasunda, como convidados de Marin, o vice-presidente da República, Michel Temer, o ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, e o presidente da Câmara e chefe de delegação, Marco Maia. Até Silvio Santos, de férias pela Europa, acompanhará o jogo depois de sua passagem por Estocolmo coincidir com o amistoso.

## ANEXO H – Notícia

### **Para Henrique, palco do duelo com o Santos é 'indiferente'**

Apesar do bom retrospecto na Arena Barueri, a diretoria do Palmeiras atendeu a vontade dos torcedores e utilizará o Pacaembu para o clássico contra o Santos, que acontece em 25 de agosto (sábado), às 18h30, pela 18ª rodada do Campeonato Brasileiro.

O zagueiro Henrique, que vem atuando como volante nas últimas partidas, minimizou a mudança de estádio. Para ele, o que tem de prevalecer é a postura da equipe em campo.

- Independentemente de onde jogar, onde colocar o jogo, diferente de campo, nós temos que ter a mesma pegada, dedicação em campo, para que a gente consiga os objetivos, buscar as vitórias e sair de lá de trás. Então indiferente de ser no Pacaembu ou Presidente Prudente, qualquer lugar, acho que temos que entrar com a mesma vontade para que possamos conquistar nosso objetivo - disse o jogador, após a vitória por 1 a 0 diante do Flamengo.

Casa do Palmeiras neste início de temporada, a Arena Barueri é criticada pelos torcedores por conta da distância e do custo de chegar até o local, pois há um pedágio na Rodovia Castelo Branco, no trajeto partindo de São Paulo.

Apesar das críticas da torcida, os números jogam a favor do estádio de Barueri. Em 12 jogos nesta temporada, o Verdão venceu sete, empatou três e perdeu apenas dois. O aproveitamento é de 66,6%. Além disso, a Arena Barueri foi palco das partidas do Palmeiras na conquista da Copa do Brasil.

O clube alviverde sofre com este problema desde o começo das obras no Palestra Itália, que devem terminar apenas no fim do ano que vem. Desde então, a equipe já mandou seus jogos na Arena Barueri, Pacaembu, Canindé ou em Presidente Prudente.

O Canindé, inclusive, chegou a ser novamente oferecido pela Portuguesa, como o LANCENET! divulgou no último dia 11. A diretoria do Palmeiras, no entanto, optou em mandar o duelo com o Peixe no Pacaembu.

ANEXO I – Capa da Revista Placar de abril de 2008 (Ed. 1317)



## ANEXO J – Reportagem “Pão com Circo” (Revista Placar, abril de 2008)

### Pão e Circo

Dribles, molecagens, festas, diversão... Denílson estava (ou será que sempre esteve?) mais para um artista da bola que para um jogador de futebol. Agora, desafiado e calejado, tem a chance de mostrar no Palmeiras de Luxemburgo – onde só ganha dinheiro e seu pão se jogar – que pode ser útil. Ou melhor, decisivo

Por Paulo Passos

Design Antonio Carlos Castro

Fotos Alexandre Battibugli

Se pudesse apagar um período em sua vida, Denílson eliminaria os últimos três anos. Após sair do Betis, da Espanha, em 2005, o “rei dos dribles” (como foi apelidado dez anos antes, no São Paulo) foi para o Bordeaux, da França. De lá, rodou pela Arábia Saudita e Estados Unidos. Além dos dólares, dos quilos a mais e das histórias para contar, quase nada resta de proveitoso. Denílson sumiu do noticiário...

Na metade do ano passado, fora de forma e desacreditado, bateu à porta do clube que o projetou. Ouviu um não. Segundo os dirigentes do São Paulo, por excesso de contingente e porque ele não se recuperava de lesão. Denílson engoliu seco, mas não acreditou. Tentou a sorte no vizinho Palmeiras, onde ficou por 50 dias e foi negociado com o Dallas, dos Estados Unidos. Após quatro meses voltou, 3 quilos mais gordo, à Academia de Futebol, onde iniciou a recuperação física. Dessa vez, levou a sério e contou com a confiança do treinador, o que não aconteceu nos tempos de Caio Júnior. Em duas semanas foi contratado, nos moldes exigidos por Vanderlei Luxemburgo. Ganharia de acordo com o número de jogos em que atuasse. Do novo comandante recebeu um conselho: menos firulas e mais seriedade, dentro e fora dos gramados. E mais: disse que um atacante como ele tem que fazer gols, não basta só driblar.

### Do luxo ao lixo

Denílson tenta recomeçar sua paradoxal carreira. Duas Copas no currículo, ele ainda é o atleta brasileiro mais caro da história (foi para o Betis por 30 milhões de dólares, em 1998). É difícil apagar a imagem de que frustrou as expectativas em torno de si. Numa conversa com Placar, ele admite a frustração. “Penso nisso, mas faço um balanço positivo da minha carreira.”

Bom de papo, o atacante mantém a tranquilidade, seja qual for o assunto. Responde a tudo de forma direta, sem as firulas que o marcaram dentro de campo. Ri e faz rir durante todo o tempo. A entrevista só é interrompida uma vez, quando pergunta as horas. “Pelo amor de Deus, não posso atrasar ali”, diz, apontando para o campo onde treinaria minutos depois.

A seriedade que demonstra agora esteve em falta em alguns momentos da carreira. Na Europa, ele acredita ter sofrido com a desconfiança dos treinadores pelo jeito de ser e forma de atuar em campo. Dos oito anos no Betis, diz ter tido em Juande Ramos, hoje técnico do Tottenham, um dos únicos aliados. Já do ex-treinador da seleção espanhola, Javier Clemente, não diz o mesmo. “O cara chegou e disse que não contava comigo, na frente de todo mundo”, recorda. Ouvido pela Placar, Clemente demonstrou que tampouco guarda recordações do atacante. “Ele não tinha a menor ideia de objetividade e de como as coisas aconteciam aqui dentro de campo.”

ANEXO K – Capa da Revista ESPN do mês de março de 2011 (Ed. 17)



## ANEXO L – Reportagem “Futebol Arte” (Revista ESPN, março de 2011)

### Chega de Saudade

Sem disputar um jogo desde agosto, Paulo Henrique Ganso tem a volta aos gramados prevista para março. Para os torcedores, será o reencontro do futebol brasileiro com seu grande artista em atividade. Para ele, o início da caminhada para se tornar um dos melhores do mundo e ganhar a Copa de 2014 dentro de casa

Por Luís Augusto Símon

Em 9 de fevereiro, a sempre neutra Suíça, viu mais um capítulo do duelo entre o português Cristiano Ronaldo e o argentino Lionel Messi pelo posto de melhor jogador do mundo. A Argentina venceu por 2 a 1, e cada craque fez o seu. No mesmo dia, em Eindhoven, o holandês Wesley Sneidjer fez um belo gol na vitória por 3 a 1 contra a Áustria. Um argumento a mais na sua tese de que deveria ser um dos indicados à lista de melhor do mundo da Fifa, que, além de Messi, conta com Xavi e Iniesta, seus companheiros de Barcelona. Os dois, que se completam em campo, jogaram bem, como sempre, na vitória por 1 a 0 sobre a Colômbia. A França também jogou e viu o questionado Benzema, do Real Madrid, fazer o único gol da partida contra o Brasil, em Paris.

Em Santos, muito longe da Europa, a aposta brasileira em ter novamente um jogador na luta pelo título de melhor do mundo arrumou, entre uma e outra sessão de fisioterapia, tempo para ficar diante da TV e ver a derrota brasileira. Paulo Henrique, o Ganso, que ainda se recupera de uma operação para a reconstrução do ligamento cruzado anterior do joelho esquerdo, realizada em 28 de agosto de 2010, sentiu ainda mais saudade da única experiência que teve coma Seleção, vitória por 2 a 0 sobre os Estados Unidos, em 11 de agosto, em Nova York.

A recuperação continuou, com Ganso revelando uma dedicação de volante e não de meia habilidoso que é. Trabalha duro para que a volta seja breve. E já tem data marcada para que isso aconteça. “Volto na Copa América para começar a fazer minha história na Seleção, como tenho feito no Santos.”

Os brasileiros esperam por Ganso com a nostalgia de quem acredita piamente na existência de uma escola brasileira de futebol, mais cadenciada, sem erros de passe e com lançamentos precisos. Com belos gols também, é lógico. Os brasileiros esperam e torcem por Ganso porque acreditam ainda no “futebol arte” como os portugueses acreditaram por muito tempo que o rei Dom Sebastião não havia morrido na batalha de Alcácer Quibir [sic] contra os árabes, em 1578. Como o corpo não apareceu, uma geração viveu a nostalgia de que seu rei – e com ele os seus sonhos de grandeza – voltariam.

Dom Sebastião não voltou, mas Ganso está voltando. E ele acredita no futebol arte, embora, modestamente, não se considera um artista. “Nada disso. Eu sou jogador de futebol, sou um camisa 10 que estava jogando bem. Por isso é que o povo gosta de mim. Eu me sinto muito amado por torcedores de todos os times. Encontro na rua e todo mundo diz que está torcendo pela minha recuperação. Agora, não sou artista

porque eu jogo simples. Meu negócio é fazer o time andar, e isso eu estava conseguindo.”

Ele tem um exemplo tático para explicar o seu estilo em campo. “Sabe esse esquema 4-2-3-1? Não tem uma hora em que ele vira 4-2-2-2, quando um dos meias que jogam pelo lado do campo vira atacante, ou então quando um lateral faz a ultrapassagem e chega para decidir? Então, é aí que eu entro. Tenho a bola e faço ela chegar na hora certa no pé dele, evitando impedimento. Esse é o meu tipo de jogada. Além disso, faço o jogo girar, chego na frente, mas sem exagerar.”

Sem exagerar?

“Nunca quero dar que dois toques na bola. É uma coisa que me imponho. Não sou de dar caneta, de dar chapéu, de dar elástico quando não precisa. Só faço isso quando é necessário para facilitar meu jogo. O que interessa é o atacante receber a bola de mim.”, explica o artista que não se reconhece como tal. Um artista da simplicidade, do estilo discreto, um naïf, como Heitor dos Prazeres.

Para Dona Creuza, o filho é artista e ponto. “Se a matéria de vocês é sobre futebol arte, é como Henrique mesmo. Ele é ótimo, eu sempre soube disso. E eu sempre entendi de futebol, fui fã do Reinaldo, do Atlético-MG, do Giovanni, adoro o Kaká e sei que o menino é do mesmo nível deles.” Aqui, um detalhe e nada mais que um detalhe. Dona Creuza não é mãe biológica de Ganso, é a tia que o criou desde o primeiro dia, com o mesmo amor dedicado aos outros filhos.

A história de Paulo Henrique cidadão e de Ganso jogador de futebol não pode ser contada e nem existiria sem a presença de Dona Creuza, uma verdadeira mamãe gansa. Ela teve o sonho de ter o filho jogador de futebol tão intenso quanto o do próprio garoto em se tornar profissional. Fez de tudo, desde levar a treino, de torcer exageradamente na arquibancada, até criar uma vitamina de dez itens, brigar com um velho amigo e abandonar a família por uma aventura no sul.

O primeiro passo foi a Tuna Luso, em Belém, quando o filho tinha seis anos. “Quando ele tinha dois anos, já dormia com a bola. Não aceitava outro presente. Nos jogos no quintal de casa, dava traço [drible] nos outros meninos bem mais velhos. Era um espetáculo.” Júlio César, o papito, nove anos mais velho que Ganso, foi uma das primeiras vítimas do irmão. “Eu jogava bem, tentei ser profissional na lateral esquerda, não era bobo no futebol, mas era impossível marcar o moleque. Ele acabava comigo”, afirma. Hoje, é assessor do craque – foi ele, por exemplo, que respondeu ao pedido ESPN para fotografar Dona Creuza: não, por questões de segurança.

Os olhos atentos de Dona Creuza viram um futuro para o filho. “Percebi que ele poderia ter sucesso no futebol e fui adiante. Como meu marido tinha que trabalhar, tomei a frente e fiz a inscrição dele como o Capitão, que era técnico do futsal na Tuna Luso.”

Capitão é o apelido desde sempre de Carlos Alberto Conceição, o mais famoso técnico de Belém. “No começo já deu para ver que ele era muito melhor que os outros. Jogava na ala esquerda e tinha uma jogada em que ia para o meio e chutava forte. Ele girava muito, trocava de posição, ninguém conseguia marcar. Mas tinha um problema: como ele iria jogar se a idade mínima era de oito anos? Abriram uma

exceção e ele foi campeão e artilheiro. Naquele ano e nos oito seguintes. Teve um ano em que fez 54 gols. Comemorava tanto gol que foi perdendo um pouco a timidez abraçando os companheiros.”